



TAINARA LEMES CONDE NANDIN

**POSSIBILIDADES NARRATIVAS DE SUJEITOS
COM AFASIAS SEVERAS DE PRODUÇÃO:
O PAPEL DOS SIGNOS NÃO-VERBAIS PARA ALCANÇAR
O "QUERER-DIZER"**

Campinas,

2013



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
Instituto de Estudos da Linguagem

TAINARA LEMES CONDE NANDIN

**POSSIBILIDADES NARRATIVAS DE SUJEITOS
COM AFASIAS SEVERAS DE PRODUÇÃO:
O PAPEL DOS SIGNOS NÃO-VERBAIS PARA ALCANÇAR
O "QUERER-DIZER"**

**Dissertação apresentada ao Instituto de Estudos da
Linguagem, da Universidade Estadual de Campinas,
para obtenção do Título de Mestra em Linguística.**

Orientadora: Profa. Dra. Rosana do Carmo Novaes Pinto

**Campinas,
2013**

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem
Teresinha de Jesus Jacintho - CRB 8/6879

N125p Nandin, Tainara Lemes Conde, 1985-
Possibilidades narrativas de sujeitos com afasias severas de produção : o papel dos signos não-verbais para alcançar o "querer-dizer" / Tainara Lemes Conde Nandin. – Campinas, SP : [s.n.], 2013.

Orientador: Rosana do Carmo Novaes Pinto.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Neurolinguística. 2. Afasia. 3. Comunicação não-verbal. 4. Processos alternativos de significação. I. Novaes-Pinto, Rosana do Carmo, 1961-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Narrative possibilities of subjects with severe production aphasia : the role of nonverbal signs to reach the "speech will"

Palavras-chave em inglês:

Neurolinguistics

Aphasia

Nonverbal communication

Alternative processes of signification

Área de concentração: Linguística

Titulação: Mestra em Linguística

Banca examinadora:

Rosana do Carmo Novaes Pinto [Orientador]

Mirian Cazarotti Pacheco

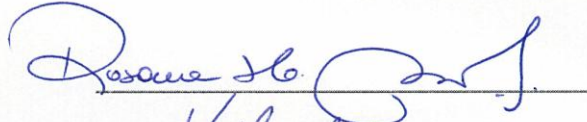
Guilherme do Val Toledo Prado

Data de defesa: 19-08-2013

Programa de Pós-Graduação: Linguística

BANCA EXAMINADORA:

Rosana do Carmo Novaes Pinto



Mirian Cazarotti Pacheco



Guilherme do Val Toledo Prado



Maria Irma Hadler Coudry

Valdemir Miotello

IEL/UNICAMP
2013

Aos sujeitos, GS e TR, obrigada por
compartilharem tanto comigo.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a minha família, minha mãe e minha irmã, que me apoiaram e me acompanharam por todo caminho que percorri, pelas risadas e por serem tão compreensivas, vocês fizeram toda a diferença.

Ao meu namorado Leandro, que está sempre ao meu lado, me incentivando, demonstrando tanto amor, carinho e dedicação, enfim sendo tudo o que eu preciso.

À minha orientadora, Rosana do Carmo Novaes-Pinto, que acreditou em mim e contribuiu de forma decisiva na minha formação profissional e pessoal. Obrigada pela sua dedicação.

À Mirian Cazarotti-Pacheco, um agradecimento especial, pelas suas valiosas contribuições para este trabalho, e principalmente pelas conversas sobre nossos caminhos na Fonoaudiologia, você fez toda a diferença para esse trabalho e para a minha forma de pensar na *clínica fonoaudiológica*. Obrigada pela amizade.

Ao professor Guilherme Val do Prado Toledo, que participou da banca de qualificação, agradeço novamente pela oportunidade, pelos comentários e discussões que contribuíram com tanto bom humor para a construção desta dissertação.

Às minhas amigas queridas, que me apoiaram, compartilharam as minhas dúvidas e angústias, que aguentaram o meu “sumiço”, vocês são maravilhosas.

Não poderia deixar de fazer um agradecimento muito especial, para a minha coordenadora na Clínica de Fonoaudiologia, da Prefeitura Municipal de Americana, que foi a pessoa que “permitiu” que esse trabalho acontecesse, sem o seu apoio, nada disso seria possível. Sandra Regina Possobon, muitíssimo obrigada pelo voto de confiança, que com muito brilho e competência, sabe colocar *todas as coisas no lugar*.

Resumo

Este estudo, que tem como referencial teórico a Neurolinguística de orientação enunciativo-discursiva, tematiza a produção de sujeitos com afasias não-fluentes de grau severo, buscando refletir sobre suas possibilidades narrativas e sobre o papel dos recursos não-verbais para que consigam alcançar seu intuito discursivo ou “querer-dizer” (cf. Bakhtin, 1997). O acompanhamento longitudinal foi escolhido como metodologia de pesquisa e as análises são qualitativas. Além de discutir criticamente conceitos relacionados à noção de *fluência* e sobre o papel dos recursos alternativos de significação, o trabalho visa **i)** descrever as características dos enunciados de dois sujeitos não-fluentes – GS e TR – dentre os quais aqueles considerados “estereotípias” ou “automatismos”. Esses recursos repetem-se na cadeia enunciativa – podendo ser lexicalizados ou não, mas sempre veiculam um “querer-dizer”, preenchendo turnos conversacionais nas interações dialógicas e, ao mesmo tempo, dando “acabamentos” aos enunciados dos seus interlocutores; **ii)** refletir sobre as possibilidades de significação a partir do trabalho desenvolvido com recursos não-verbais (gestos, desenhos, expressões fisionômicas), tendo a narrativa como principal gênero discursivo (tanto autobiográficas quanto relatos de fatos) na qual emergem enunciados que dão visibilidade ao impacto da afasia na linguagem dos sujeitos – servindo, portanto, para a avaliação de linguagem – quanto para a sua reorganização; em outras palavras, para orientar a terapia de linguagem; **iii)** discutir o papel dos interlocutores – os parceiros da comunicação (cf. Bakhtin), dentre os quais o terapeuta e familiares, no processo de desenvolvimento dos recursos alternativos não-verbais de significação, tendo em vista minha formação e prática no campo da Fonoaudiologia.

Palavras-chave: Neurolinguística, afasia, comunicação não-verbal, processos alternativos de significação.

Abstract

This study, which has the discursive-enunciative Neurolinguistics as theoretical framework, discusses the speech production of individuals with severe nonfluent aphasia, aiming to reflect about their narrative possibilities and about the role of nonverbal resources which they explore in order to achieve their "speech will" (Bakhtin, 1997). Longitudinal follow-up was chosen as the research methodology and analyzes are of qualitative nature. Besides critically discussing concepts related to the notion of *fluency* and the role of alternative sources of signification, the work aims to **i)** describe the features of the utterances of two non-fluent subjects – GS and TR – among those the ones so-called *stereotypes* or *automatisms*. These features are repeated in the enunciative chains – being sometimes lexicalized, sometimes not, but they always convey a “speech will”, filling shifts in conversational and dialogic interactions, having also the role of giving *finalization* to their interlocutors’ utterances; **ii)** reflect about the possibilities of meaning from the work developed with nonverbal resources (gestures, drawings, physiognomic expressions), having the narrative as the main discourse genre (autobiographical as well as narrative of events) in which emerge utterances that give visibility to the impact of aphasia on the individual's language – which can be useful both for evaluation purposes and for its reorganization. In other words, to guide language therapy; **iii)** discuss the role of the interlocutors – *communication partners* (Bakhtin, 1997), among which the therapist and family members, in the development of alternative nonverbal processes, considering my academic background and practice in the field of speech therapy.

Key-words: neurolinguistics; aphasia; nonverbal communication, alternative processes of signification.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
-------------------------	----------

1. CAPÍTULO 1

SOBRE AS AFASIAS DE PRODUÇÃO E SOBRE OS RECURSOS

ALTERNATIVOS DE SIGNIFICAÇÃO.....	6
--	----------

1.1. Concepção de linguagem e de afasia	6
1.2. Afasia de produção	7
1.3. A noção de “grau de severidade”	9
1.4. Os conceitos de estereotipia e automatismo	10
1.5. Recursos alternativos de significação	12
1.5.1. Gesto.....	14
1.5.2. Desenho	16

2. CAPÍTULO 2

ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA REALIZADA	19
---	-----------

2.1. Aprovação pelo Comitê de Ética	19
2.2. Procedimentos básicos da realização da pesquisa: o estudo longitudinal no CCA.....	19
2.3. Os sujeitos da pesquisa	20
2.3.1. O sujeito GS	20
2.3.2. O sujeito TR	21
2.4. Análises qualitativas dos dados	22
2.5. O gênero narrativo como método	23
2.6. Conceitos bakhtinianos que subsidiam as análises	25
2.7. Conceitos da semiótica – Afasia como tradução intersemiótica.....	27

3. CAPÍTULO 3

PROCESSOS DE SIGNIFICAÇÃO POR MEIO DE SIGNOS NÃO-VERBAIS..	31
---	-----------

3.1. Introdução	31
3.2. Notas de transcrição.....	31

3.3.	Os dados de GS.....	32
3.3.1.	Episódio 1 – GS em Sessão do Grupo III do CCA – 21/08/2007	33
3.3.2.	Episódio 2 – GS em Sessão do Grupo III e Sessão Individual do CCA – 22/04/2008.....	36
3.3.3.	Episódio 3 – GS em Sessão do Grupo III do CCA – 09/06/2009	40
3.3.4.	Episódio 4 – GS em Sessão do Grupo III do CCA – 15/09/2009	44
3.4.	Considerações gerais sobre as produções de GS	46
3.5.	Os dados de TR.....	47
3.5.1.	Episódio 5 – TR em Sessão do Grupo III do CCA – 28/09/2010	48
3.5.2.	Episódio 6 – TR em Sessão do Grupo III do CCA – 08/11/2011	53
3.5.3.	Episódio 7 – TR em Dado de Sessão Individual – 05/06/2012.....	55
3.6.	Considerações sobre as produções de TR.....	61
4.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	
	REFLEXÕES A PARTIR DA PESQUISA PARA O TRABALHO NA CLÍNICA	
	FONOAUDIOLÓGICA	62
5.	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	68
6.	ANEXOS	73
6.1.	Anexo 1 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	73

INTRODUÇÃO

Este estudo tem como referencial teórico a Neurolinguística de orientação enunciativo-discursiva, para a qual a linguagem é considerada como atividade construída/constituída por meio de processos sócio-histórico-culturais e resultado da experiência e do trabalho dos falantes *com e sobre* a linguagem (COUDRY, 1986/1988, 2002; COUDRY & MORATO, 1988; COUDRY & POSSENTI, 1983; FRANCHI, 1977; GERALDI, 1990; e POSSENTI, 1988).

A opção por este tema, que venho desenvolvendo desde minha monografia do curso de Fonoaudiologia (FCM/UNICAMP)¹, justifica-se pelo fato de que há poucos trabalhos relativos aos processos alternativos de significação em sujeitos com afasias não-fluentes. Na área de Neurolinguística (IEL), com relação a este tema, destacam-se os trabalhos de Mármora (2000), Viscardi (2005, 2010), Fedosse (2000, 2008), Scisci (2004) e Flosi (2003). Dos trabalhos realizados, entretanto, apenas os trabalhos de Viscardi (2005 e 2010) dedicam-se aos casos de sujeitos que produzem predominantemente ou exclusivamente os chamados *automatismos* ou *estereotípias*. Como veremos mais adiante, a autora tem como objetivo descrever e analisar esses fenômenos, relacionando-os à prosódia, mas não é foco de sua pesquisa compreender como outros recursos alternativos podem substituir ou complementar os enunciados verbais dos afásicos não-fluentes para que consigam alcançar seu *querer-dizer*².

O papel dos signos não-verbais no processo de significação de sujeitos com afasias severas de produção para nós é bastante claro, no sentido de que esses (os signos não-verbais) se constituem como um caminho possível – às vezes o único – para a significação, na ausência dos signos verbais. São eles que possibilitam, muitas vezes, alguma forma de narrativa – até mesmo aquelas com função argumentativa (HANKE, 2005).

O mais difícil, ao longo do trabalho terapêutico, é esclarecer a respeito desse papel para os sujeitos afásicos e ajudá-los a se apropriar desses recursos no processo de significação. As dificuldades têm explicações sócio-culturais e subjetivas. Aprendemos,

¹ A monografia desenvolvida teve como título *O Desenvolvimento de Recursos Não-Verbais de Significação nas Afasias: o Gesto e a Representação pelo Desenho*, orientada pela Profa. Dra. Rosana do Carmo Novaes Pinto, defendida em 2008 no curso de Fonoaudiologia (FCM/UNICAMP).

² *Querer-dizer* ou *intuito discursivo* é um conceito bakhtiniano que será explicitado mais adiante e muito recorrente neste trabalho, pois é muito produtivo na descrição e nas análises dos enunciados dos sujeitos afásicos, substituindo o termo geralmente utilizado “intenção de dizer”, mas extrapolando seu sentido.

desde pequenos, e ao longo de nossa vida, a conter a manifestação gestual excessiva, como sinal de um corpo bem comportado. Da mesma forma, não somos incentivados a desenhar para representar ou significar. Essa atividade é para quem tem o “dom”. Os dados de GS mostram como o recurso do desenho pode ser produtivo para os processos de significação em sujeitos com afasias severas, por um lado, mas também revela as dificuldades de desenvolver este trabalho na clínica, uma vez que demanda muito tempo, refações e, principalmente, uma escuta atenta por parte do terapeuta. A importância do trabalho com esse recurso, como veremos mais adiante, no caso de um dos sujeitos de nossa pesquisa – GS – foi que, por meio do desenho – justamente por se tratar de um processo mais longo, que demandou maior explicitação dos recursos – passou a incorporar o ponto de vista do seu interlocutor em seus enunciados, não só nos desenhos, mas também na atividade gestual.

A abordagem que nos orienta tem como pressuposto que, apesar do impacto do acometimento neurológico e das dificuldades severas de produção, os afásicos são sujeitos de linguagem. Não perderam completamente suas capacidades linguísticas e ainda trazem suas experiências de falantes competentes, de antes da patologia. Como afirma Coudry (1986/1988³), é a partir da linguagem que lhes resta que vão emergir novas possibilidades de linguagem e de desenvolvimento de recursos verbais e não-verbais nos processos de significação.

Segundo a autora, o objetivo do trabalho a ser desenvolvido com os sujeitos afásicos nessa perspectiva não é de “classificação da entidade patológica”, mas sim o processo de reconstrução da linguagem pelo sujeito, no qual se torna fundamental a mediação dos interlocutores – sejam terapeutas, familiares, pessoas dos círculos sociais dos sujeitos – que possibilitem aos afásicos manterem-se no *jogo da linguagem*, mesmo aqueles que praticamente “não falam”, que é o caso dos sujeitos *não-fluentes* tematizados nesta dissertação. Em outras palavras, torna-se necessário explorar outros caminhos – aqui chamados de “recursos alternativos de significação” que viabilizem o seu *querer-dizer*.

Todas essas questões são extremamente relevantes para uma clínica fonoaudiológica que se ocupe das afasias. No caso das afasias de produção – principalmente as severas

³ Quando nos referirmos aos trabalhos de Coudry, utilizaremos as datas de 1986 e 1988. A primeira data é a de sua tese de Doutorado, quando os princípios da Neurolinguística enunciativo-discursiva foram primeiramente anunciados. A data de 1988 refere-se à publicação do livro *Diário de Narciso: afasia e discurso*.

como as de GS e TR, sujeitos desta dissertação – é comum a ideia de que não há muito a se fazer, pois a linguagem verbal dificilmente pode evoluir em casos graves. Numa sociedade logocêntrica como a nossa, um prognóstico desfavorável nesse sentido desencoraja familiares a procurarem o acompanhamento fonoaudiológico com base nesse pressuposto.

Nossa experiência com sujeitos afásicos que frequentam o Centro de Convivência de Afásicos (CCA) tem mostrado que é possível desenvolver, mesmo nos casos mais severos, recursos alternativos *não-verbais* (além de alguns recursos verbais) que permitam que eles voltem a participar de interações dialógicas, apesar dos limites impostos pelas afasias, como sujeitos ativos no jogo da linguagem – selecionando o que é para eles importante narrar e defendendo seus pontos de vista sobre os mais variados assuntos. Essa questão será retomada em vários pontos da dissertação, uma vez que tem relação com a concepção dialógica de linguagem que orienta o trabalho, com aspectos da metodologia – não só da pesquisa aqui apresentada, mas do próprio acompanhamento terapêutico na clínica fonoaudiológica.

Tendo colocado, até aqui, as principais questões desta dissertação, passo a sintetizar os objetivos deste trabalho, que são:

i) descrever as principais características dos enunciados de dois sujeitos com afasias de produção severas, que podem ser consideradas no grupo das afasias “não-fluentes” – GS e TR – com ênfase nos fenômenos conhecidos na literatura como “estereotípias” ou “automatismos”. Esses recursos se repetem na cadeia enunciativa, podendo ser lexicalizados ou não e preenchem turnos conversacionais nas interações dialógicas. Ora veiculam um *querer-dizer* do sujeito afásico, ora dão “acabamentos” aos enunciados dos seus interlocutores.

ii) refletir sobre as possibilidades e os limites nos processos de significação, a partir do trabalho desenvolvido com os recursos não-verbais (gestos, desenho, expressões fisionômicas), tendo a narrativa como principal gênero discursivo (tanto autobiográficas quanto relatos de fatos). As narrativas se constituem como lugar privilegiado para a emergência de enunciados que se prestam tanto para dar visibilidade ao impacto da afasia –

servindo, portanto, para a avaliação de linguagem – quanto para a sua reorganização – em outras palavras, para orientar a terapia de linguagem;

iii) discutir o papel dos interlocutores – os parceiros da comunicação (cf. Bakhtin, 1997), dentre os quais o terapeuta e familiares, no processo de desenvolvimento dos recursos alternativos não-verbais de significação.

Para alcançar os objetivos acima descritos, esta dissertação está organizada em três capítulos, a saber:

O **Capítulo 1: *Sobre as afasias de produção e os recursos alternativos de significação*** busca, primeiramente, refletir sobre a semiologia que envolve as afasias e que as dispõem em dicotomias estanques. Problematiza principalmente a relação *fluência-disfluência*, bem como a tentativa de relacionar diretamente áreas cerebrais lesionadas aos sinais/sintomas que caracterizam cada quadro. Em seguida, apresentamos o conceito de *recursos alternativos de significação* – mais especificamente com relação àqueles que são mais produtivos no contexto das afasias: o uso de gestos e, no caso de GS, um dos sujeitos desta dissertação, o uso do desenho. Essas questões são relevantes, uma vez que serão mobilizadas na descrição e nas análises dos dados e são expedientes interessantes para serem desenvolvidos na clínica com sujeitos afásicos com dificuldades graves de produção verbal.

No **Capítulo 2: *Aspectos Metodológicos da pesquisa realizada*** descrevemos os aspectos metodológicos relativos ao lócus de sua realização – o CCA (Centro de Convivência de Afásicos), aos sujeitos participantes, a forma de acompanhamento, por meio de estudo longitudinal, a abordagem qualitativa nas análises e também apresentaremos os conceitos bakhtinianos que subsidiarão a descrição e análise dos enunciados e alguns conceitos da semiótica que nos ajudam a compreender como os signos verbais podem ser “traduzidos” em outros não-verbais.

O **Capítulo 3: *Processos de Significação por meio de Signos não-verbais*** apresenta os dados dos sujeitos desta pesquisa, que ocorrem em diferentes momentos do acompanhamento longitudinal, e que dão visibilidade aos efeitos do trabalho realizado no

CCA, numa perspectiva que valoriza o uso dos recursos não-verbais na construção dos sentidos em interações dialógicas reais.

E finalmente, nas **Considerações finais: Contribuições da pesquisa para a Clínica Fonoaudiológica**, refletimos sobre o papel do terapeuta ao se deparar com casos de sujeitos com afasias severas de produção. A concepção de linguagem que orienta o trabalho realizado é fundamental para uma mudança de postura na clínica. Baseamos nossa reflexão, para terminar a dissertação, em questões colocadas por Ponzio (2010), acerca da escuta atenta, que demanda “dar tempo ao outro”, o que no trabalho com os sujeitos afásicos faz toda a diferença, já que optamos pelo sujeito e não pela doença.

1. CAPÍTULO 1

SOBRE AS AFASIAS DE PRODUÇÃO E SOBRE OS RECURSOS ALTERNATIVOS DE SIGNIFICAÇÃO

1.1. Conceção de linguagem e de afasia

Na Neurolinguística de orientação enunciativo-discursiva tem se caracterizado as afasias como:

alterações de processos linguísticos de significação de origem articulatória e discursiva (nesta incluindo aspectos gramaticais) produzidas por lesão focal adquirida no sistema nervoso central, em zonas responsáveis pela linguagem, podendo ou não se associar a alterações de outros processos cognitivos (COUDRY, 1996, p. 5).

É relevante definir aqui o conceito de *afasia*, como o citado acima, salientando que não se trata apenas de alterações ao nível da língua, mas também de alterações discursivas, para se distanciar de uma concepção tradicional que entende que o trabalho a ser feito com o sujeito após o acometimento neurológico deveria levá-lo a (re) aprender as unidades da língua – da *letra* às frases complexas (inclusive para trabalhar a oralidade). Essa concepção, infelizmente, subsidia a prática clínica e o uso cada vez mais recorrente de manuais para acompanhamento terapêutico que se assemelham às cartilhas⁴. O (in) sucesso do afásico – assim como a da criança no processo de escolarização – é atribuído a ele mesmo, já que o método seria totalmente adequado – pois recobre todas as unidades do sistema da língua – e o terapeuta (ou professor) estaria cumprindo plenamente sua função no processo.

⁴ Um exemplo no mercado de produtos para a clínica fonoaudiológica seria o *Manual Papaterra de Habilidades Cognitivas*, que já tem disponíveis 7 Volumes, e que apresenta a seguinte propaganda no site de vendas: “Os Manuais Papaterra são **livros de exercícios que têm como objetivo ativar habilidades cognitivas de pessoas dos 8 aos 100 anos**. Contém exercícios de lógica, de raciocínio, de atenção, de memória, de criatividade, de compreensão, entre outros. **Crianças que os utilizam ficam mais espertas e aprendem a pensar de modo mais efetivo**. Adultos que queiram treinar suas habilidades cerebrais encontram nestes exercícios interessantes desafios. Podem ser usados em **escolas, em atendimentos fonoaudiológicos e psicopedagógicos** ou por qualquer pessoa interessada em melhorar sua capacidade de raciocínio, criatividade e memória” grifos nossos. Acessado em 09/08/2013, em www.booktoy.com.br.

No caso das afasias, esse tipo de clínica parte da ideia de que o afásico “perdeu” a linguagem e que deve recuperá-la, iniciando pelos níveis menos complexos e readquirindo as estruturas da língua. Há exercícios para completar letras e sílabas em palavras, palavras em frases; ligar palavras e figuras; dar palavras sinônimas e antônimas; passar frases para o plural, para a negativa, etc.

A concepção discursiva de linguagem não desconsidera que as afasias impactam o funcionamento da língua (como podemos ver na citação acima, de Coudry – “nesta incluindo-se os níveis gramaticais”), mas reforça que os níveis linguísticos não funcionam de forma independente e abstrata. O funcionamento se dá, de fato, no uso efetivo da linguagem. A noção de *trabalho* é fundamental nesta abordagem, pois é o sujeito quem opera sobre a língua(gem) produzindo os discursos, uma vez que a língua é indeterminada (Franchi, 1977).

1.2. Afasia de produção

Uma questão *relevante para esta dissertação é o fato de que fazemos um recorte com relação ao tipo* de afasia que abordamos nesta dissertação, como já foi dito na introdução do trabalho. Todas as formas de afasias apresentam singularidades com relação às dificuldades de produção, mesmo aquelas consideradas posteriores ou de compreensão. Há casos, entretanto, em que as dificuldades de produção são mais severas; em que a linguagem verbal fica muito mais comprometida e limitada. Se, por um lado, criticamos as abordagens que dicotomizam radicalmente os fenômenos, desconsiderando a relação entre eles, é preciso reconhecer, por outro lado, que mesmo numa relação de continuidade, de não-oposição absoluta, há afasias predominantemente *não-fluentes* ou de produção, como os casos de GS e TR, sujeitos desta pesquisa.

As principais dicotomias que caracterizam a semiologia das afasias são *compreensão x produção*, também representada pelos pares *sensoriais x motoras*, *posteriores x anteriores*, *fluentes x não-fluentes* e também mais conhecidas como as grandes síndromes de *Wernicke* e *Broca*, respectivamente (Novaes-Pinto & Santana, 2009).

O conceito de *fluência* é relevante para nosso trabalho para desmistificar, em primeiro lugar, a noção de que esta seria o oposto da *disfluência* – ou seja, de que existe de fato um falante fluente. É relevante dizer que os manuais que avaliam fluência nas afasias

tomam este falante fluente como parâmetro para balizar os resultados dos testes de linguagem e não o falante “real”, também disfluente, como vem mostrando Scarpa (1995) em seus trabalhos. Segundo esta autora tanto a disfluência como a fluência estaria na mesma base dos processos dinâmicos de processamento da fala, isto é, a disfluência seria constitutiva da fluência; tanto uma como a outra resultam das diversas relações do sujeito com a sua língua(gem).

Ao conceituar sobre a fluência, Scarpa (1995) descarta a possibilidade de definir este conceito a partir da ausência de momentos de disfluências – as pausas e prolongamentos em um discurso. Para a autora, o conceito fluência deve ser relacionado com todas as dimensões da fala do sujeito: sintática, semântica, prosódica, morfêmica. Scarpa (1995) se apoia nos trabalhos de Lindblom, que sugere que a relação de troca entre precisão articulatória e fluência seria uma propriedade emergente da dinâmica auto-organizadora do processamento fonético (*Apud* CAZAROTTI & NOVAES-PINTO, 2010).

Novaes-Pinto, ao discutir sobre a classificação clínica nas afasias, afirma o seguinte, acerca da reflexão de Scarpa sobre a fluência:

a proposta de Scarpa (1995) sobre a relação da fala articulada com a fluência torna-se muito interessante para compreendermos as dificuldades articulatórias dos afásicos com lesões anteriores e a “disfluência” de seus enunciados. [...] ressalta que a variação também deve ser explicada pelos aspectos individuais entre os sujeitos e num mesmo sujeito em situações diversas (1999, p. 228).

Apesar dos problemas nas definições dicotômicas entre fluência e disfluência, em casos severos como os dos sujeitos desta tese, não há como não nos referirmos às suas dificuldades como sendo predominantemente de produção ou como casos severos de afasias não-fluentes. Há uma diferença entre os dois casos, como veremos principalmente no capítulo 3. A afasia de GS é mais severa do ponto de vista da produção verbal, estando restrita ao enunciado /o´da/ e algumas de suas variações, enquanto TR produz também alguns enunciados verbais, como “um, dois”, “arroz, feijão”, além de alguns nomes próprios e gestos, dentre os quais muitos de natureza dêitica⁵.

A literatura refere-se a essas diferenças entre os casos como “grau de severidade”, mas atem-se apenas a questões relativas à lesão – extensão e profundidade, ou seja, suas

⁵ TR aponta várias vezes para seus interlocutores, enquanto falam, com o objetivo de delimitar um enunciado que expresse sua opinião - que concorda, discorda ou mesmo para indicar que o que alguém disse tem a ver com o que ela quer dizer.

dimensões biológicas – e dados obtidos em avaliações metalinguísticas. Dedicamos o próximo item a uma breve reflexão sobre esta questão.

1.3. A noção de “grau de severidade”

Novaes-Pinto (2006), ao discutir o conceito de “grau de severidade” nas afasias, se distancia do que encontramos na literatura neuropsicológica, em que tal noção é definida, em geral, por parâmetros biológicos – com relação à lesão cerebral – e aos resultados dos testes metalinguísticos para avaliar e classificar tanto o tipo de afasia como o seu grau de severidade. Esses testes, como já dito, são elaborados a partir de uma variante culta, desconsiderando variáveis relativas aos registros sócio-culturais, letramento e, o que é mais grave, descontextualizados do uso da língua(gem). Os resultados são analisados quantitativamente e submetidos a análises estatísticas. A autora propõe que a própria percepção do sujeito sobre suas dificuldades deva ser incorporada às análises e ser considerada pelo terapeuta, o que certamente auxilia no processo de reorganização da linguagem e no desenvolvimento de recursos alternativos de significação, além, evidentemente, de uma compreensão de como “o sistema linguístico propriamente dito foi comprometido em seus níveis de articulação – fonológico, lexical, sintático, semântico” (Novaes Pinto, 2006, p. 1731).

Com relação a esse conceito – de grau de severidade – há diferenças significativas entre os casos de GS e TR. Já dissemos que a afasia de GS é mais grave do que a TR, já que GS não tem produção verbal – sendo seus enunciados restritos a /o´da/, enquanto TR produz alguns enunciados verbais, desde o início de seu acompanhamento no CCA. A noção de *grau de severidade*, numa concepção discursiva (cf. Novaes-Pinto, 2006), considera nos seus parâmetros a avaliação subjetiva que também o afásico faz de suas próprias dificuldades e como se posiciona diante delas – opta por calar-se ou enfrenta o desafio da significação. Se opta pela significação, pela comunicação, nos casos severos, o caminho será, necessariamente, o de desenvolver recursos alternativos, predominantemente não-verbais.

Essa questão do grau de severidade, portanto, está intimamente relacionada a quanto o sujeito consegue (ou não) aproximar-se de seu intuito discursivo. Podemos dizer que quanto mais grave é a afasia, do ponto de vista de produção, mais ele terá que lançar mão

de outros recursos (não verbais) a fim de conseguir alcançá-lo. Embora o conceito de *querer-dizer* só seja trazido a esta dissertação no capítulo 2, antecipamos uma citação de Novaes-Pinto (2006) em que a autora o relaciona à discussão do conceito de grau de severidade:

O que Bakhtin chama de “tratamento exaustivo do objeto do sentido” torna-se impossível muitas vezes para os sujeitos. Embora se possa pensar que com relação aos sujeitos não-afásicos o *querer dizer* nem sempre esteja garantido nas situações dialógicas – ou seja, não é sempre que podemos afirmar que entendemos completamente o que o outro quis dizer – este conceito de Bakhtin possibilita perceber que, às vezes, a frustração dos sujeitos com relação à sua produção parece ser pela impossibilidade de atingir seu *intuito discursivo*, por mais que haja cooperação de seus interlocutores nos processos de *acabamento*”. (Novaes-Pinto, p. 1732).

Sintetizando a discussão, o grau de severidade está relacionado tanto com as dificuldades para se operar com os aspectos formais da língua (os níveis de articulação da linguagem), quanto para lidar com aspectos subjetivos da produção – ou seja, como o afásico se percebe enquanto sujeito da linguagem. É isso, no final das contas, que vai motivá-lo a continuar no jogo da linguagem ou fazê-lo desistir das interações sociais.

O trabalho de acompanhamento terapêutico desses sujeitos, desenvolvido dialogicamente e orientado pelos princípios teórico-metodológicos da Neurolinguística enunciativo-discursiva, devolve ao sujeito afásico o seu lugar na interação social, como sujeito da linguagem e tem como efeito uma mudança na relação do sujeito com sua afasia, como veremos na análise dos dados, mais adiante.

1.4. Os conceitos de estereotipia e automatismo

Na literatura neuropsicológica, o termo *automatismo*, também referido como “estereotipia da fala”, ou ainda como Recurring Utterance (RU) é considerado um comportamento verbal repetitivo, inapropriado e compulsivamente produzido sob quaisquer condições com pouca ou nenhuma variabilidade fonológica (TAKIZAWA, ASANO E KINOSHITA, 2010).

Em primeiro lugar, chamamos a atenção para o termo “comportamento verbal”, que por si só já é bastante redutor. O fato de dizer que é repetitivo também remete a uma concepção provavelmente equivocada de considerar que repetir o segmento significa repetir

também o significado de um enunciado. Na afasia, como veremos nos dados de GS, a cada enunciação /o´da/ tem um novo significado, pois compõe o seu querer-dizer.

A literatura neuropsicológica contemporânea interessa-se pelas correlações entre a produção desses sintomas/sinais e áreas lesadas do cérebro e há teorias que chegam a supor que se trate de *apraxia pura da fala* e não de afasia⁶. Embora não seja este o foco de nosso trabalho, deixamos claro que não concordamos que a produção de estereotipias e automatismos em casos graves de produção como os de GS ou TR possam ser relacionados às apraxias da fala, visto que as alterações de linguagem são notadas não apenas na linguagem oral, mas também na escrita, além de dificuldades observadas na compreensão (embora de forma menos marcada). A nosso ver, é a (má) qualidade das avaliações metalinguísticas que levam a esse tipo de distorção na avaliação de linguagem e que atribuem essas dificuldades a problemas de ordem exclusivamente motora – ou seja, na produção do gesto articulatório. A pior consequência desta abordagem é que os procedimentos terapêuticos vão se basear em atividades de natureza motora – exercícios repetitivos de motricidade orofacial, basicamente centrados em repetição de fonemas isolados, palavras isoladas etc.

No trabalho de Viscardi (2005), intitulado *O Estatuto Neurolinguístico do Automatismo*, a autora afirma que apenas 2% das pessoas com afasia apresentam enunciados reduzidos a automatismos, o que talvez explique porque haja poucos trabalhos dedicados a este fenômeno. A autora realiza um estudo de caso do sujeito CF, com um automatismo que se caracteriza por /e´saw e´saw/ e algumas de suas variações, bastante semelhante aos enunciados de GS, sujeito desta pesquisa. A diferença é que CF produz também enunciados cristalizados como: *Oh, meu Deus. Eu preciso falar*; canta trechos de músicas, recita orações etc.

Segundo Viscardi (2005), se nos dirigimos aos dicionários para buscar uma definição dos termos *automatismo* e *estereotipia*, provavelmente encontraremos *estereotipia* relacionada tanto àquilo que é imutável, fixo, quanto àquilo que é feito de

⁶ Takizawa, Asano e Kinoshita (2010) apresentam duas hipóteses para explicar a produção dos automatismos – que chamam de Recurring Utterances (RUs). A primeira seria de que estes ocorreriam em afasias severas - afasia global ou afasia de Broca, com extensivo prejuízo no hemisfério esquerdo do cérebro, com “colapso” em todas as funções da linguagem. A segunda hipótese seria que essa “disfunção” não seria uma desordem da linguagem central, mas de uma modalidade-específica. Essa hipótese postula que os automatismos estariam mais relacionados à apraxia da fala do que à afasia. Para corroborar esta hipótese, os autores fazem referência ao estudo de Wallesch et al. (1989), que investigou 45 afásicos para relacionar os automatismos aos sintomas neurológicos e neuropsicológicos.

forma repetida, duplicada. Já *automatismo* está vinculado ao que é involuntário, que se produz sem orientação consciente. A autora critica a utilização dos termos como sinônimos e opta pelo termo *automatismo* sem, entretanto, admitir seu sentido como algo involuntário e inconsciente.

Para nós, tanto um quanto o outro são termos ruins para descrever os fenômenos em toda a sua complexidade, assim como a maioria dos itens semiológicos que se referem às afasias (ou a outras patologias de linguagem), pois denotam o que há de patológico, anormal, o déficit. Quando passarmos aos dados dos sujeitos GS e TR, utilizaremos esses itens semiológicos apenas para enfatizar sua ocorrência e de que forma preenchem os turnos conversacionais.

Lembramos que para Porter (1993) um nome – de uma doença, de um sinal, um sintoma – tem como uma de suas funções servir como *moeda linguística* para troca entre profissionais de uma determinada área. Assim, é evidente que para falarmos sobre esse fenômeno no âmbito da pesquisa científica podemos nos utilizar do termo “estereotipia”, que remete à repetição de um dado segmento na cadeia enunciativa. Neste sentido, *estereotipia* nos parece até mais apropriado no contexto das afasias do que o termo *automatismo* que envolve a noção de *involuntário*, que talvez seja mais apropriado para se referir a alguns fenômenos que apareçam de forma involuntária no contexto das demências, já em formas avançadas. Essa discussão mereceria mais reflexão, evidentemente; entretanto, não a faremos neste trabalho.

Ao longo das análises, entretanto, faremos referência, sempre, aos “enunciados” de GS e de TR – sejam eles verbais ou não-verbais – para estarmos em conformidade com os pressupostos teórico-metodológicos, de inspiração bakhtiniana, de nossa abordagem.

1.5. Recursos alternativos de significação

A primeira questão a ser pensada, quando nos referimos à linguagem não-verbal como um “recurso *alternativo* de significação”, é sobre o estatuto da linguagem verbal na comunicação humana. Ao tratar das características da linguagem humana, comparando-a à comunicação animal, Benveniste (1988) ressalta suas singularidades, dentre as quais a de

que a linguagem verbal é o único sistema capaz de veicular qualquer tipo de conteúdo, de forma irrepetível e sem nenhum tipo de limite.

É evidente que a linguagem não-verbal tem também papel constitutivo na significação, uma vez que acompanha os enunciados verbais e mesmo os substitui em alguns contextos, reforçando seus sentidos – ou mesmo negando aquilo que é dito.

Nas afasias severas, entretanto, quando a produção verbal fica limitada a enunciados como os de GS ou de TR – referidos, como vimos, como estereotípias ou automatismos – a linguagem não-verbal passa a ter outro estatuto, outro papel. É nesse sentido que o conceito de “recurso alternativo” deve ser interpretado.

É interessante também salientar que esse recurso não é dado de antemão ao sujeito. Ou seja, não se trata de algo que já está pronto e basta o sujeito utilizar, na falta do recurso verbal. Em uma sociedade como a nossa, em que a linguagem verbal tem função primordial e na qual a própria gestualidade é muitas vezes contida em função de questões culturais, como já dissemos, não é simples pedir a um sujeito que passe a significar utilizando-se de pantomimas ou gestos. Some-se a isso o fato de que o próprio acometimento cerebral pode comprometer (e na maioria das vezes, de fato compromete) a gestualidade em seus aspectos práxicos e motores, dificultando ainda mais o uso dos gestos como um recurso para a significação.

Podemos citar, como exemplo dessa dificuldade de natureza cultural, um sujeito afásico – um advogado aposentado, com quase setenta anos de idade – que participou do CCA durante muitos anos, e que para falar de algo que queria – um medicamento feito com placenta – precisava se referir ao ato de “parir”⁷. Ele fazia um gesto que de forma alguma sequer lembrava esta ação, pois fazia movimentos com os braços e mãos paralelos ao corpo, em linha reta. Segundo Novaes-Pinto (1999), mais parecia um guarda de trânsito. Só depois de muito tempo foi possível chegar ao seu querer-dizer. Uma parte de suas dificuldades, segundo a autora, diz respeito à sua apraxia, mas também ao fato de sua recusa em referenciar, no próprio corpo, o ato de *parir*, provavelmente pelas restrições de natureza sócio-cultural.

Passamos, em seguida, a caracterizar dois dos principais recursos alternativos de significação utilizados pelos sujeitos afásicos desta dissertação. Em primeiro lugar, trataremos da questão da *gestualidade*, que é a mais recorrente em todos os casos de afasias

⁷ Com relação a este caso, ver o Capítulo 5 do trabalho de Novaes-Pinto (1999).

com dificuldades severas de produção (até para aqueles sujeitos que não têm acompanhamento terapêutico). Em seguida, abordaremos o recurso do *desenho*, que é mais utilizado por alguns sujeitos, em especial, nesta pesquisa, por GS.

1.5.1. Gesto

Barbizet & Duizabo (1985 apud FEDOSSE, 2000) propõem uma classificação de duas classes de gestos: os gestos com objetivo de comunicação e aqueles com objetivo de ação. Na distinção feita por esses autores, os gestos com objetivo de ação não seriam interpretados como significativos. Assim como Fedosse (2000), neste estudo parte-se do pressuposto de que todos os gestos têm o objetivo de significação, ou seja, referem-se à atividade simbólica. Ao refletir sobre a análise/interpretação das manifestações decorrentes de lesões cerebrais, Fedosse (2000) afirma que não devemos nos limitar aos aspectos patológicos das afasias, mas devemos incorporar os fatores contextuais e as ações linguísticas na produção e interpretação de sentidos. As alterações linguísticas e gestuais devem, portanto, ser analisadas a partir de sua natureza simbólica e não apenas em suas evidências motoras. A autora concebe gestualidade como “atividade gestual”. Em outras palavras, como “atividade significativa” ou como “processo de significação”.

Assim como a linguagem verbal, a atividade gestual é construída sócio-histórica e culturalmente, já que na realização de um gesto estão implicados, além dos fatores neurofisiológicos que caracterizam o movimento, vários fatores pragmáticos⁸. Fedosse (2008), ao analisar as estratégias de um poeta afásico, caracteriza os recursos verbais e não-verbais não só como *alternativos*, mas também como *criativos*, pois revelam as singularidades no *trabalho* que os sujeitos realizam sobre os recursos da língua, na produção dos enunciados.

Segundo Mármora (2000), assim como a linguagem verbal, a gestualidade e também a percepção se constroem a partir de ações dirigidas ao outro, da relação do sujeito com o mundo exterior e, principalmente, são mediadas pela linguagem. Para a autora, o termo “gestualidade” refere-se ao conjunto de gestos utilizados pelo sujeito para se expressar, como uma forma de significação, fazendo parte da atividade simbólica. A autora

⁸ Fatores pragmáticos que atuam na construção do sentido, partilhados por uma comunidade de falantes. Os sentidos estão sujeitos a diferentes interpretações porque são *sempre* produzidos e exercidos na interação social (FEDOSSE, 2000, p. 17)

diferencia *gesto* de *movimento*, este sim considerado como produto do ato motor. Nas palavras da autora:

O gesto é usado para se referir ao produto da atividade simbólica humana em suas diversas formas de ação, ou seja, falamos de gesto a partir do momento em que o movimento entra no quadro de uma atividade simbólica, ou seja, apresenta-se como uma realidade simbólica interpretável pelos que partilham de parâmetros antropoculturais comuns (2000, p.42).

A autora se inscreve na perspectiva bakhtiniana para refletir sobre o gesto humano, tomado como um *fenômeno ideológico e social*. A gestualidade pode ser entendida a partir da noção de *interação*, condição para o estabelecimento de processos de significação. Toda forma de significação é proporcionada pelo movimento social e cultural em determinadas comunidades. Mármora (2000) também reflete sobre a *práxis*, desde a organização do ato voluntário à construção do processo prático regulado pela linguagem. Para a autora, é lógico pensar que a linguagem, como função reguladora, organiza as formas de apreensão do mundo exterior, para, então, organizar a função prático, que é elaborada através de processos perceptivos, como a própria representação da imagem corporal, questões referentes à sensibilidade e – o mais relevante para nosso trabalho – a composição do gesto. Essa articulação do gesto representa uma sequência motora organizada no tempo e no espaço, destinado a um objetivo.

As alterações da gestualidade variam quanto à gravidade. Podem ocorrer alterações na ordem das ações implicadas na sua atividade – uma desorganização sintática do gesto (traçando um paralelo com os recursos linguísticos); pode ocorrer ainda o fato de o gesto não se realizar, evidenciando a dificuldade dos sujeitos de selecionarem os movimentos adequados para sua composição⁹.

Outra autora que discorre sobre os recursos não-verbais é Scisci (2004), que em seu estudo também considera a importância de reconhecer e incorporar até mesmo expressões fisionômicas, como um olhar de cumplicidade, de dúvida, dentre outros. A autora também

⁹ Veremos, em nossas análises, que muitas vezes os sujeitos afásicos têm dificuldades em organizar o início e o desenvolvimento do gesto em uma narrativa: indicar o contexto, os personagens, o tempo, a ação de uma narrativa. Foi assim que se apresentaram GS e TR no início do acompanhamento terapêutico e nas sessões do CCA. Com o trabalho realizado, em interações dialógicas, foi possível reorganizar a atividade gestual desses sujeitos, à medida em que fomos explicitando que era necessário que refinassem os gestos (ou o desenho), que precisavam orientá-los para o outro, além de servirem-se de pistas contextuais, em atividades significativas, ajudando-os a incorporar o ponto de vista do outro na formulação de seus enunciados não-verbais.

deixa claro que o sentido do gesto deve ser construído em conjunto com o afásico e chama a atenção para o fato de que, dependendo de cada contexto, o mesmo gesto pode ter diferentes interpretações. Com o sujeito GS este fato acontece frequentemente. Por exemplo, o gesto de levantar o dedo indicador pode ser simplesmente para apontar algo (como o céu, no caso do Dado 3) ou então para chamar a atenção sobre algo com o qual concorda ou não, quando uma discussão está em andamento, para que os outros registrem sua opinião.

1.5.2. Desenho

O desenho é uma das manifestações semióticas mais relevantes, isto é, uma das formas através das quais a significação se expressa ou pode se expressar. Apesar de sua importância, praticamente inexistem trabalhos que se dediquem ou façam menção ao uso deste recurso no trabalho com sujeitos afásicos.

Para tratar da produção do desenho na atividade de significação, retomamos algumas questões propostas por Vygotsky (1988) sobre o desenho infantil, já que o autor destaca os processos de sua construção e também a importância do outro como mediador dessa produção – o que ocorre também no trabalho com sujeitos afásicos.

O desenho é interpretado por Vygotsky (1989) como um estágio preliminar do desenvolvimento da escrita, tendo ambos as mesmas origens de construção: a linguagem falada. A criança emprega o desenho como meio mais eficiente para exprimir seu pensamento, enquanto a escrita ainda não dá conta desse papel. Segundo ele, as crianças não desenham aquilo que veem, mas sim o que sabem a respeito dos objetos; ou seja, representam seus conhecimentos e/ou suas interpretações sobre uma dada situação vivida ou imaginada. É relevante refletir sobre essas questões quando pensamos nos desenhos dos afásicos e na subjetividade apresentada com essa produção.

Vieira (2007), autora que se baseia nos estudos de Vygotsky (1988) para teorizar sobre *O processo de significação infantil*, relaciona o desenho e a linguagem, ao afirmar que “é por meio da palavra que se nomeia o pensamento e, portanto, também a materialização destes, já que podemos conceber a produção gráfica da criança como uma projeção da realidade vivenciada por ela” (2007, p. 21).

Outras autoras que também tomam como foco a produção de desenhos por crianças são Araújo e Lacerda (2008), que investigaram em seu trabalho as práticas dialógicas desencadeadoras de processos de construção de conhecimentos que relacionam o desenho à apropriação de sentidos e significados que podem interferir no desenvolvimento da linguagem da criança surda. As autoras tomam como ponto de vista a teoria Histórico-Cultural (Vygotsky, 1988; Vygotsky, 1995), em que a linguagem ocupa o papel central, para subsidiar e fundamentar o processo clínico terapêutico.

A partir desta concepção a linguagem é considerada como sistema sócio, que

em todas as suas formas, é o signo mediador para o desenvolvimento das funções psicológicas, para a constituição da consciência, e na construção [...] de outras atividades representativas, portanto, simbólicas. (Araújo e Lacerda, 2008, p. 187)

Para as autoras, ao desenhar o sujeito estaria imerso no universo simbólico, universo comum ao gesto, aos sinais e à escrita, se relacionando com signos, refletindo sobre eles e se aperfeiçoando nesta experiência. Sendo assim, para compreender o desenho e estudá-lo é imprescindível observar os movimentos intersubjetivos que possibilitam significações negociadas na dinâmica interativa.

No caso dos sujeitos afásicos com dificuldades severas de produção também observamos as mesmas questões ao nos depararmos com os dados de produção de desenhos. O sujeito registra primeiramente a sua própria percepção e memória do fato apresentado, mas é somente a partir da interação, em processos dialógicos, que consegue reorganizar o seu enunciado (como apresentado no dado 2 desta dissertação), a partir do momento que inclui o ponto de vista do outro, que é para quem todo o enunciado é/deve ser dirigido.

É necessário, com relação ao desenho, enfatizarmos a dificuldade de utilização desse recurso nas esferas reais de comunicação. Diferentemente da atividade gestual, que requer apenas o próprio corpo, o corpo do outro, elementos da situação que possam ser apontados ou usados em pantomimas, dentre outros recursos, o desenho requer outros elementos – minimamente papel e lápis – mas, principalmente, uma atenção maior por parte do interlocutor, uma “escuta” mais atenta para atribuir significação aos elementos que estarão ali representados e, muito provavelmente, um tempo maior para se chegar à significação. O uso do desenho com GS, em acompanhamento terapêutico, como já dissemos, nos permitiu desenvolver principalmente sua percepção com relação ao seu olhar

para o outro – para seu interlocutor – para incorporá-lo em seus enunciados, para incluí-lo em sua perspectiva na enunciação. O dado 2 será bastante ilustrativo dessa questão, como veremos no capítulo 3. Antes de apresentarmos os dados dos sujeitos afásicos que envolvem a produção de gestos e desenhos – o que será feito no capítulo 3, passamos a descrever no próximo capítulo os aspectos metodológicos desta pesquisa.

2. CAPÍTULO 2

ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA REALIZADA

2.1. Aprovação pelo Comitê de Ética

A presente pesquisa foi submetida à aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) e da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) na Plataforma Brasil¹⁰, que é uma base nacional e unificada de registros de pesquisas envolvendo seres humanos, tendo sido aprovado e recebido o Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) de número 14028013.3.0000.5404. Os sujeitos assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo 1), exigência do CEP e do CONEP.

2.2. Procedimentos básicos da realização da pesquisa: o estudo longitudinal no CCA

A pesquisa foi realizada a partir dos dados de dois sujeitos afásicos – GS e TR – que foram registrados em vídeo e posteriormente digitalizados e transcritos. GS e TR frequentaram semanalmente as sessões do grupo III do CCA¹¹ e sessões individuais de acompanhamento terapêutico.

O CCA (Centro de Convivência de Afásicos), fica localizado no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e se constitui como um lócus para as pesquisas da área de Neurolinguística e para o trabalho de extensão comunitária realizado com os sujeitos afásicos. Atualmente, há três grupos em funcionamento. A presente pesquisa foi realizada no Grupo III, sob a coordenação da Profa. Rosana do C. Novaes Pinto.

¹⁰ Para maiores informações: www.aplicacao.saude.gov.br.

¹¹ Desenvolvi minhas atividades de estágio da graduação (em Fonoaudiologia) na área de Linguagem no Grupo III e o trabalho de acompanhamento terapêutico com um dos sujeitos (GS) deu origem à minha monografia do curso de Fonoaudiologia, orientada pela Profa. Dra. Rosana do C. Novaes Pinto. No referido estudo analisei, além da produção oral do sujeito GS – bastante comprometida por sua afasia, aspectos de sua linguagem não-verbal, caracterizada por uma rica expressão gestual e por tentativas de representação por meio de desenhos. Esse trabalho deu origem à presente pesquisa de Mestrado.

Nas sessões semanais coletivas, os sujeitos afásicos narram sobre suas rotinas – o que fizeram durante a semana, as notícias da família e falam sobre suas dificuldades, dentre outros assuntos. Discutimos, por exemplo, fatos noticiados pelos jornais e TV, relativos aos mais diversos temas: esportes, novelas, economia, descobertas das ciências, meio-ambiente etc.

Os sujeitos afásicos participam também, semanalmente, de sessões individuais, geralmente acompanhados por uma dupla formada por um fonoaudiólogo (ou estagiário do curso de graduação em Fonoaudiologia) e um linguista (ou aluno em realização de estudo monográfico).

Tanto nas sessões coletivas, quanto nas individuais, o trabalho com/sobre a linguagem visa o desenvolvimento de recursos alternativos (verbais e não-verbais) de comunicação/significação, com o uso da escrita, do desenho, visando ainda o desenvolvimento da atividade gestual e outras formas de garantir que o sujeito afásico consiga se aproximar o máximo possível de seu *querer-dizer*.

A seguir, apresentamos os sujeitos da pesquisa, os aspectos do quadro neurológico/neuropsicológico, bem como características de seus enunciados, além de um breve histórico do acompanhamento no CCA.

2.3. Os sujeitos da pesquisa

2.3.1. O sujeito GS

GS é um senhor nascido em 01/07/1930, brasileiro, viúvo, que teve um Acidente Vascular Encefálico (AVE) repetitivo em 2005 (dias 13 e 19 de Janeiro) e que frequentou o CCA de Agosto de 2007 a Junho de 2010¹². O laudo da tomografia realizada em 2006 revela: “Estruturas da fossa posterior sem anormalidades. Extensas áreas de gliose subcortical interessando os lobos frontal, temporal e parietal à esquerda determinando ectasia por tração do ventrículo lateral correspondente”.

Como sequela do AVE, GS apresentava hemiparesia à direita, com maior comprometimento de membro superior, e uma afasia de produção severa, caracterizada

¹² GS, infelizmente, deixou de frequentar o CCA após a morte de sua esposa, quando passou a enfrentar uma forte depressão, segundo relatos de pessoas do seu convívio familiar.

principalmente pelos enunciados /o´da/ ou /a´da/ e algumas variações sutis destes grupos fonêmicos, mas com grandes variações prosódicas, acompanhadas sempre de gestos que expressam concordância, discordância, ênfase e dúvida. Pudemos constatar, ao longo dos atendimentos, a impossibilidade de repetição de qualquer tipo de enunciado – seja de palavras ou unidades menores – mesmo com o fornecimento de *promptings*¹³.

Antes de iniciar o acompanhamento no CCA, GS havia sido acompanhado em sessões fonoaudiológicas por aproximadamente um ano e durante este tempo a tarefa mais comum era a repetição de fonemas e a realização de exercícios para fortalecimento da musculatura orofacial¹⁴.

2.3.2. O sujeito TR

TR é uma senhora nascida em 19/06/1954, brasileira, casada, auxiliar de enfermagem, com ensino fundamental completo, que teve um AVE isquêmico em 1998 e em consequência desse episódio passou a apresentar hemiparesia à direita e uma afasia de produção severa. Produz enunciados, em sua maioria, caracterizados na literatura como estereotípias, como “um, dois” ou “obrigada, um, dois”. Mais recentemente, passou a produzir também “arroz, feijão”, “arroz, feijão e ovo”. Tem ampliado o seu repertório neste campo semântico, dizendo, às vezes, palavras como “café”, “bolo” e “água”. TR consegue dizer pronomes como “eu”, e também nomes próprios, como o de seu marido e de sua filha, por exemplo. Uma de suas maiores dificuldades parece ser a de encontrar palavras, o que a leva a produzir poucos enunciados verbais, com muitas pausas e com *parafasias*¹⁵ tanto fonológicas quanto semânticas. TR utiliza-se bastante de enunciados gestuais combinados à oralidade. TR frequenta o CCA desde setembro de 2010¹⁶.

¹³ *Promptings* são as pistas dadas aos sujeitos, geralmente os primeiros fonemas ou, em Português, a primeira sílaba de uma palavra.

¹⁴ Tivemos acesso a essas informações por meio de um caderno que ele mantinha, com as anotações feitas pela fonoaudióloga que o acompanhava e também por meio de sua esposa, que geralmente repetia com ele os exercícios em casa, orientada pela profissional.

¹⁵ *Parafasias* são trocas de um fonema por outro (fonológicas ou literais) ou de uma palavra por outra (verbal ou semântica). A esse respeito, ver trabalho recente de Souza-Cruz (2013).

¹⁶ Antes de iniciar o acompanhamento no CCA, TR foi acompanhada no ambulatório de Fonoaudiologia da PUC-Campinas, por um período de quatro anos.

2.4. Análises qualitativas dos dados

As análises dos dados foram realizadas de acordo com os parâmetros da *abordagem microgenética*, pautada pelos estudos de Vygotsky (2003), autor que considera fundamental, nos estudos dos fenômenos complexos, que se analisem os *processos* e não os *produtos*; que as pesquisas busquem revelar as relações dinâmicas ou causais reais, em contraponto à simples enumeração de características externas de um processo. Segundo Góes, que interpreta a proposta vigotskiana acerca do método, tal análise:

[...] não é micro porque se refere à curta duração dos eventos, mas sim por ser orientada para minúcias indiciais – daí resulta a necessidade de recortes num tempo que tende a ser restrito. É genética no sentido de ser histórica, por focalizar o movimento durante processos e relacionar condições passadas e presentes, tentando explorar aquilo que, no presente, está impregnado de projeção futura. É genética, como sociogenética, por buscar relacionar os eventos singulares com outros planos da cultura, das práticas sociais, dos discursos circulantes, das esferas institucionais. (2000, p. 15).

Ainda segundo Góes, a análise microgenética permite que se observe a construção dos dados, atentando-se para os detalhes no recorte de episódios interativos, permitindo acompanhar os processos desenvolvidos pelos sujeitos, as relações intersubjetivas e as condições sociais da situação. Assim, a análise baseada no relato minucioso dos processos observados torna possível expandir as possibilidades de vincular o que é *um dado singular* às *condições macrossociais*, relativas às práticas sócias (GÓES, 2000, pp. 19-20).

A análise microgenética de enunciados produzidos em situações dialógicas possibilita dar maior visibilidade às atividades epilinguísticas que estão em curso durante as interações. No caso desta pesquisa, tal análise permite acompanhar o processo de desenvolvimento dos recursos alternativos de significação, como pretendemos deixar claro nas análises dos dados do próximo capítulo. Sobre esse tipo de análise, Novaes-Pinto (2006) afirma que

A análise do processo dialógico e dos recursos alternativos dos quais se utiliza – os gestos, a escrita de estilo telegráfico, os acabamentos mútuos, a insistência em atingir seu intuito discursivo – nos revelam muito mais sobre sua afasia e sobre os aspectos do processamento linguístico e do grau de severidade que a afasia impõe para sua atividade de produção (2006, p.1734).

2.5. O gênero narrativo como *método*

Nesta dissertação, desenvolvida a partir *das possibilidades narrativas dos sujeitos afásicos*, consideramos relevante apresentar algumas questões sobre o papel deste gênero no trabalho com os sujeitos afásicos.

Cazarotti-Pacheco (2012), ao tratar em seu trabalho sobre a narrativa de sujeitos afásicos, retoma questões levantadas por Benjamin (1985/1994, p. 205), filósofo e crítico literário, para quem a narrativa teria como propósito “mergulha[r] a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele”. Benjamin considerava de fundamental importância a narrativa oral para a formação do sujeito, uma vez que esta seria pautada pela *rememoração*, isto é, pela capacidade de resgatar discursos do passado e trazê-los para o presente.

Cazarotti-Pacheco (2012) discute em seu trabalho sobre o discurso narrativo nas afasias e também como estas podem se apresentar como método, uma vez que se caracterizam como espaço privilegiado para a análise dos impactos das afasias na linguagem dos sujeitos. Para a autora, a narrativa pode ser compreendida como “uma metodologia que possibilita eliciar dados singulares, uma vez que são produzidos em situações efetivas de uso da linguagem” (CAZAROTTI- PACHECO, 2012, p. 5).

Em seu trabalho, a autora destaca como são raras as reflexões sobre a produção narrativa dos sujeitos afásicos na literatura tradicional, que estão mais focadas em uma descrição de estruturas e na classificação de sintomas. Uma questão relevante levantada por Cazarotti-Pacheco é a de que é possível afirmar que um dos discursos que mais resistem nas afasias é o narrativo.

A autora retoma as questões apontadas por Labov (1997), autor que afirma que o sujeito narra, principalmente, sobre eventos que fazem parte de sua experiência biográfica e, ao recontá-los, estes seriam avaliados emocional e socialmente, o que transforma cada nova narrativa em uma experiência original. Segundo ela, tanto Benjamin quanto Labov enfatizam que a *subjetividade* diferencia o gênero narrativo de outros gêneros e se revela como a forma mais marcante nas narrativa de experiência pessoal, o que para nós também é um ponto central, quando analisamos as narrativas de GS e TR.

Labov & Waletzky (1967 apud CAZAROTTI-PACHECO, 2012) consideram a narrativa como uma forma privilegiada de discurso e que ocupa um papel central em grande

parte das nossas atividades linguísticas. Ela seria, de acordo com os autores, o protótipo ou talvez o único exemplo de um evento de fala perfeitamente formado com início, meio e fim. E sugerem ainda uma estrutura básica da narrativa composta por: *resumo, orientação, ação complicadora, avaliação e resultado* ou *desfecho*. Mas mesmo os autores enfatizam que esta estrutura nem sempre se apresenta assim, e que algumas narrativas podem não apresentar todos estes elementos.

Cazarotti-Pacheco (2012) destaca em seu trabalho um conceito desenvolvido por Labov (1972) e o considera essencial – a noção de *reportabilidade*. Ao escolher o que deseja narrar, a partir das suas escolhas pessoais, sua motivação e opinião e se colocando como narrador principal é que o sujeito expressa sua subjetividade. Para Labov a narrativa como *ato social* deve conter pelo menos um evento reportável, e também é imprescindível que apresente ao menos uma *ação complicadora*. A *ação complicadora* (evolução da narrativa) ou o *inédito* (uma situação inesperada) é que vão dizer sobre o desenvolvimento da narrativa.

Outro estudo apresentado pela autora com influência laboviana é o de Spinillo (1996), que propõe que a estrutura da narrativa se caracteriza por três componentes: i) a *introdução*, que seria o início típico da história, com o local e tempo do evento e também os protagonistas; ii) os *eventos*, em que se desenvolve a narrativa e que incluem a sua *resolução* – o *epílogo* – que contém as explicações e a moral da história; iii) o *fechamento*, com os marcadores que convenciam o final da narrativa. Para Spinillo (1996), ao narrar o sujeito demonstra conhecimento sobre o conteúdo apresentado, ou seja, uma representação e memória sobre o evento reportado.

Os estudos de Hanke (2005 apud CAZAROTTI-PACHECO, 2012), também merecem destaque, uma vez que para o autor a narrativa teria ainda um caráter argumentativo, uma vez que como *ato linguístico*, seria construída a partir dos parâmetros da situação, dos parceiros interativos, da rede temática/argumentativa, e, ainda, pela maneira como o narrador percebe tais parâmetros.

Bruner (1991), autor fundamental do campo da psicologia, considera que ao narrar o sujeito organiza sua experiência e sua memória, ou seja, ao narrar estamos estruturando nossas experiências como seres humanos. Para Cazarotti-Pacheco (2012), a partir desta concepção, a narrativa pode ser considerada “como um conjunto de estruturas linguísticas e psicológicas, transmitidas social e historicamente, as quais são delimitadas pelo nível de

domínio individual, por meio da combinação de estratégias sócio-comunicativas e habilidades linguísticas” (p. 17).

A partir destas considerações sobre a narrativa, Cazarotti-Pacheco afirma que:

A investigação narrativa pode consistir de análises de biografias, autobiografias, histórias de vida, narrativas pessoais, entrevistas narrativas, etnobiografias, etnografias, memórias populares e acontecimentos singulares, integrados num determinado contexto. Portanto, a narrativa aparece sempre associada a um caráter social explicativo característico de alguma época ou de algo pessoal. (2012, p.26)

A autora explicita sobre a concepção de *narrativa*, a partir de suas características estruturais e funcionais, seu papel fundamental na organização da experiência humana e teoriza como ainda esta pode se fundamentar como método para propiciar a emergência de dados no âmbito das afasias, tanto para a avaliação dos processos linguístico/cognitivos impactados, como nos acompanhamentos terapêuticos.

2.6. Conceitos bakhtinianos que subsidiam as análises

Novaes-Pinto (1999) foi a primeira pesquisadora no campo dos estudos das afasias a refletir sobre a contribuição dos conceitos bakhtinianos para a descrição e análise dos enunciados de sujeitos afásicos. Em trabalho mais recente, a autora esclarece:

É nesse contexto de enfrentamento teórico-metodológico-clínico que ganham relevância os conceitos postulados por Bakhtin e seu círculo, que não devem ser compreendidos apenas como unidades *terminológicas*, mas como noções essenciais capazes de promover grandes transformações não só na prática de pesquisa, mas também na vida de pesquisadores e pesquisados; no nosso caso – sujeitos *afásicos*. (NOVAES-PINTO, 2013a, p. 3)

É relevante utilizar os conceitos de Bakhtin para estudar a produção de recursos não-verbais, pois apesar de considerar a palavra como o “fenômeno ideológico por excelência”, esse mesmo autor não ignora a importância dos processos não-verbais que ocorrem na produção e interpretação de sentidos (BAKHTIN, 1929/97). Nas palavras do autor, “tudo que ocorre no organismo pode tornar-se material para a expressão da atividade

psíquica, posto que tudo pode adquirir um valor semiótico, tudo pode tornar-se expressivo”.
(p. 52)

Segundo Bakhtin, o princípio de *dialogia* é o que perpassa todas as práticas *reais* de linguagem. O autor considera que o ato de fala e seu produto, a enunciação, não podem ser explicados somente a partir das condições do sujeito falante, mas também não podem dele prescindir. O autor propõe que a interação verbal seja o espaço para a superação das posições dicotômicas. Sendo assim, considerando a natureza social da enunciação, não é possível compreendê-la sem ser em uma situação concreta, diferente dos modelos estruturalistas, que excluem os parceiros da comunicação, partindo do ponto de vista do locutor como se este estivesse sozinho (NOVAES-PINTO, 1999).

No trabalho de Novaes-Pinto (1999) a autora baseia-se nos conceitos bakhtinianos para realizar as análises das chamadas “categorias clínicas” das afasias e defende que, por mais alteradas que estejam as unidades *abstratas* da língua - sentenças ou orações - os afásicos continuam produzindo *enunciados*.

Bakhtin entende que o enunciado pode se constituir também por uma unidade *monolexêmica*, que terá significação no interior do processo dialógico – ou seja, a esta unidade será dado um acabamento. Segundo Novaes-Pinto, este conceito é produtivo para as análises dos enunciados dos afásicos com severo comprometimento verbal, porque podemos caracterizar uma produção como a de GS: /o’da o’da/ ou de TR: “um dois” como *enunciados*, assim como cada um de seus gestos e suas representações por meio de desenhos. O conceito de *enunciado*, para Bakhtin, está intimamente relacionado ao de *querer-dizer*, como vemos no trecho a seguir, pois é

marcado pelas circunstâncias individuais, pelos parceiros individualizados e suas intervenções anteriores. É por isso que os parceiros diretamente implicados numa comunicação, conhecedores da situação e dos enunciados anteriores, captam com facilidade e prontidão o intuito discursivo, o querer-dizer do locutor, e, às primeiras palavras do discurso, percebem o **todo** de um enunciado, em processo de desenvolvimento. (1929/97, p. 301)

O que Bakhtin chama de *querer-dizer* ou *intuito discursivo* determina o *todo* do enunciado: “percebemos o que o locutor quer dizer e é em comparação a esse intuito discursivo que mediremos o acabamento do enunciado”. Ao definir a concepção de enunciado, Bakhtin (1929/97) o relaciona com o conceito de acabamento, uma vez que o

autor descreve que “cada réplica, por mais breve e fragmentária que seja, possui um acabamento específico, que expressa a posição do locutor” (p. 294). A partir disso, podemos considerar que é possível responder, dar acabamento, a um enunciado, mesmo que esse seja limitado por uma produção oral como de GS ou TR, ou até com seus enunciados não-verbais, como o gesto ou o desenho. Sobre o acabamento, temos a definição nas palavras do autor:

O primeiro e mais importante dos critérios de acabamento do enunciado é a possibilidade de responder – mais exatamente, de adotar uma atitude responsiva para com ele (por exemplo, executar uma ordem) (...) É necessário o acabamento para tornar possível uma reação ao enunciado. Não basta que o enunciado seja inteligível no nível da língua. Uma oração totalmente inteligível e acabada, se for uma oração e não um enunciado não poderá suscitar uma reação de resposta: é inteligível, está certo, mas ainda não é um todo. Este todo, indício da totalidade de um enunciado – não se presta a uma definição de ordem gramatical ou pertencente a uma entidade do sentido. A totalidade acabada do enunciado que proporciona a possibilidade de responder (de compreender de modo responsivo) é determinada por três fatores indissociavelmente ligados no todo orgânico do enunciado: 1) o tratamento exaustivo do objeto do sentido; 2) o intuito, o querer-dizer do locutor; 3) as formas típicas de estruturação do gênero do acabamento (BAKHTIN, 1929/97, p. 299).

Segundo Novaes-Pinto (1999), o tempo todo damos acabamento aos enunciados dos afásicos, visando alcançar seu querer-dizer. Esses conceitos nos ajudam a descrever e também a analisar os dados que serão apresentados no capítulo a seguir.

2.7. Conceitos da semiótica – Afasia como tradução intersemiótica

Algumas questões da Semiótica têm orientado as reflexões no campo da Neurolinguística, mais recentemente, dentre as quais as que são colocadas por Petrilli & Ponzio (2011), em seu livro intitulado *Thomas Sebeok e os signos da vida*, no qual os autores discutem alguns conceitos propostos por Sebeok, autor que incorpora a diversidade cultural no estudo dos signos. Para Petrilli & Ponzio, Sebeok contribuiu para a Semiótica Global com uma concepção mais ousada, capaz de revelar fatos profundos sobre nossa coexistência com outros organismos e mundos. A síntese da proposta de Sebeok é que “o universo é perfundido com signos e, [...] pode ser composto exclusivamente por signos” (PETRILLI & PONZIO, 2011, p. 7).

A Semiótica seria então o lugar onde as “ciências da vida” e as “ciências do signo” convergem, ou seja, implica que o ser humano é um signo em um universo de signos. Sebeok propõe uma visão abrangente da Semiótica, que coincide com o estudo da evolução da vida – abordagem vista como “global” ou holística – em que há um universo inteiro com informações, mensagens e processos significativos que se proliferam; um universo caracterizado como um *fato de significação*, muito antes de se tornar um de fato de *comunicação*.

Sebeok apresenta a distinção entre comunicação e significação. Para ele, a comunicação sugere compreensão, mesmo que limitada – entre locutor e um destinatário; já a significação pode se realizar sem tal compreensão e sem intenção de se transmitir uma mensagem. Para o autor, a vida e a semiose coincidem, pois a “semiose é o atributo característico da vida”, ou seja, “a marca característica de toda a vida é a semiose”. A partir disso, Sebeok propõe que a Semiótica global seja ponto de encontro e de observação para o estudo sobre a vida dos signos e os signos da vida, semiótica esta que se caracteriza por abranger o máximo de competências.

Em seus escritos, Sebeok apresenta a sua transição para uma semiótica de interpretação, que além dos signos verbais, também abrange a autonomia e arbitrariedade dos signos não-verbais, tanto os “culturais” (por exemplo, a dança, o funcionamento do semáforo), quanto os naturais (signos entre animais e plantas). Sebeok percebe a possibilidade de se explorar a eficácia da semiótica como ferramenta metodológica e o potencial alcance de sua aplicação e desenvolve a teoria de que o homem é um signo e a natureza deste signo é *interpretar*. Ou seja, para ele, *viver coincide com a atividade de interpretar*.

A proposta de Sebeok mais relevante para este trabalho é como o autor concebe a relevância dos signos não-verbais. Para ele, os signos apresentam vários graus de *indexicalidade* (uma relação de causalidade e/ou contiguidade entre um signo e o que ele significa); *simbolicidade* (arbitrariedade entre signo e objeto) e *iconicidade* (uma relação de semelhança). Para Petrilli & Ponzio (2011), ao olhar para o universo inteiro, Sebeok faz uma contemplação expansiva de que os signos são interdependentes e relacionais, uma vez que a “compreensão de qualquer tipo particular de signo [...] só é possível à luz de sua relação com outros signos na grande rede de signos” (p. 21).

Nessa rede de signos, cada signo é um interpretante de outro signo e essa questão deve ser levada em consideração quando se analisa a produção dos sujeitos afásicos e, principalmente, no acompanhamento terapêutico. Mesmo que não consigamos interpretar de imediato um gesto ou uma produção verbal ou não-verbal do sujeito, um enunciado produzido está de algum modo relacionado a um querer-dizer. Em outras palavras, qualquer signo produzido (mesmo que não compreendido pelo interlocutor) está numa relação de interpretante com outros signos verbais. A compreensão, na esfera da comunicação, precisa ser realizada a partir de um trabalho ativo de ambas as partes.

Novaes-Pinto (2013b) dialoga com outra autora do campo da Semiótica, Victoria Welby, produzindo uma reflexão voltada para os estudos da afasia, retomando de Coudry (2006) a possibilidade de se pensar na afasia como um processo de tradução intersemiótica. A autora destaca casos de afasias severas de produção, quando muitas vezes os sujeitos só conseguem significar por meio de signos não-verbais ou compondo seus enunciados verbais com o auxílio de outros não-verbais.

Para exemplificar como esses conceitos podem auxiliar na descrição e análise dos dados, no campo das afasias, a autora apresenta um dado de TR17 em seu artigo, que consideramos relevante também apresentar nesta dissertação.

O dado ocorreu em 04 de outubro de 2011. Nesta data, o grupo comemorava ao final da sessão o aniversário de um dos pesquisadores. Durante a comemoração, Irn pergunta a TR o que havia feito na semana anterior. TR produz alguns enunciados verbais, mas não é compreendida. A partir disso, TR começou a cantar, com o ritmo adequado, “parabéns para você”. Irn interpretou esse enunciado como estando relacionada à comemoração do aniversário de um dos pesquisadores, mas TR levantou o dedo, olhou na direção de Irn e fez o sinal da cruz, o que levou a interlocutora a pensar em outros interpretantes, como igreja ou missa. TR então produz oralmente o nome de seu marido e “cachorro”. Irn então compreende que seu marido havia levado o cachorro da família à igreja para que fosse abençoado, pois era celebração do dia de São Francisco, padroeiro dos animais.

É importante dizer que durante a sessão de grupo deste dia não havia sido mencionado que era dia de São Francisco. TR usou uma informação partilhada entre os

¹⁷ Irn é coordenadora do grupo III do CCA, lócus desta pesquisa, que também trabalha com TR, sujeito desta dissertação.

interlocutores – o aniversário comemorado no grupo, para iniciar sua narrativa. Irn percebeu que TR estava se utilizando do fato de que no anterior haviam falado sobre São Francisco, pois Irn coleciona imagens deste santo. Assim, explorou esta pista para chegar ao seu querer-dizer.

TR vai apresentando seus enunciados, verbais e não verbais, e levando o interlocutor a seguir suas pistas, que passam por um complexo processo de inferências e deduções. A partir da possibilidade de conseguir produzir “parabéns para você”, TR consegue nos remeter à relevância da data, e passando então para o enunciado não-verbal, produzindo o “sinal da cruz”, para finalmente chegar à relação entre a “data” e “igreja”. Em seguida, produz o nome de seu marido e “cachorro”. TR sabe que Irn tem conhecimento sobre a data do santo e que este é o “padroeiro dos animais”. É assim que Irn consegue dar acabamento ao enunciado de TR e chegar ao seu querer-dizer.

Com este dado, pretendemos ilustrar como tanto os conceitos bakhtinianos, quanto os pressupostos da Semiótica voltados para a interpretação de signos é relevante para uma melhor descrição e análise dos signos não-verbais e de sua relação com os signos verbais.

Não estamos propondo, contudo, que os conceitos da Semiótica acima referidos sejam aplicados diretamente às análises dos dados de afasia, neste momento, visto que estamos iniciando os estudos nessa direção. Merecem, entretanto, ser destacados aqui, como uma perspectiva interessante para aprofundar as análises semióticas para tratar da relação entre os signos verbais e não-verbais.

No próximo capítulo, passamos a apresentar os dados dos sujeitos GS e TR e suas análises, recorrendo aos conceitos anunciados até aqui.

3. CAPÍTULO 3

PROCESSOS DE SIGNIFICAÇÃO POR MEIO DE SIGNOS NÃO-VERBAIS

3.1. Introdução

Neste capítulo, passaremos aos dados dos sujeitos que participaram deste estudo – GS e TR – tendo como principal objetivo analisar o desenvolvimento dos recursos não-verbais nos processos de significação, nas interações dialógicas produzidas nas sessões do CCA e em sessões de acompanhamento individual.

3.2. Notas de transcrição

Para melhor visualização dos dados, mas principalmente pela concepção de *enunciado* que nos orienta, que abrange tanto as produções verbais, quanto as não-verbais, optamos por colocar também os enunciados não-verbais nos turnos dialógicos, na coluna *enunciados*, estando os não-verbais descritos entre parênteses.

Os símbolos utilizados na transcrição dos dados são adaptados da proposta do Projeto NURC:

Símbolo	Ocorrência
()	Enunciados não-verbais.
Maiúscula	Entoação enfática.
:: podendo aumentar para ::: ou mais	Prolongamento de vogal e consoante.
-	Silabação.
?	Interrogação.
!	Exclamação.
...	Qualquer pausa.
[Superposição, simultaneidade de vozes.
GS, TR	Sigla com letras maiúsculas para indicar sujeito afásico.

Irn, Iip, Itn	Sigla para indicar pesquisadores que participam do diálogo, a letra I indicativo de investigador.
[...]	Recorte no dado.

Quadro 1. Descrição dos símbolos utilizados para caracterizar os enunciados.

3.3. Os dados de GS

Apresentamos, primeiramente, quatro dados do sujeito GS. Esclarecemos que o *Episódio 1* ocorreu no primeiro mês em que ele participou do Grupo III do CCA, o que torna possível observar não apenas suas principais dificuldades, mas também a dos seus interlocutores não-afásicos, ao longo da interação. Lidar com casos em que há afasia severa de produção certamente torna-se um desafio, no que diz respeito à atribuição de sentido e isso parece ficar evidente nesse dado.

O *Episódio 2* aconteceu quase um ano depois¹⁸ do primeiro, quando GS já havia desenvolvido, como efeito do trabalho realizado no CCA, alguns recursos alternativos de significação, dentre os quais o uso do desenho. Durante toda a descrição do dado é possível acompanhar o processo de construção do(s) sentido(s), com a participação de todo o grupo (envolvendo afásicos e não-afásicos). Percebemos as suas dificuldades, mas também ficamos deslumbrados pelas novas possibilidades que se abrem no trabalho, a partir do momento em que ele compreende como incorporar no desenho o ponto-de-vista do outro.

Nos *Episódios 3 e 4* podemos acompanhar uma verdadeira mudança de GS com relação à forma como ele se coloca nos processos dialógicos e como se mostra como sujeito da linguagem para se aproximar de seu *querer-dizer*.

Assim como Viscardi (2000), nesse trabalho destacamos o papel da correlação entre os sistemas semióticos, ou seja, entre a linguagem oral (mesmo que fragmentada) e a gestualidade. Os sujeitos desta pesquisa fazem exatamente o uso desta correlação: combinam sua produção oral, marcada pelo automatismo, mas com rica entonação prosódica; concomitantemente com os recursos não-verbais, seja o gesto, ou o desenho.

¹⁸ Este episódio já foi analisado em minha monografia de conclusão de curso de Fonoaudiologia. Considero esse dado singular para tratar das possibilidades dos recursos não-verbais - e particularmente do desenho, no trabalho com sujeitos afásicos com dificuldades severas de produção.

3.3.1. Episódio 1 – GS em Sessão do Grupo III do CCA – 21/08/2007

Contexto de produção: O grupo comenta sobre os acontecimentos e notícias da semana, quando Irn inicia o assunto sobre a prisão do traficante colombiano Juan Carlos Abadia.

Turno	Interlocutor	Enunciados
1	Irn	Quê mais que aconteceu essa semana? Teve aquele colombiano também, que foi preso... foi o assunto da semana, né, Seu GS?
2	GS	[/a'da a'da/
3	Irn	Que quê ele tinha de riqueza? Ele era pouquinho rico, né?
4	GS	A:::: (Acena com a cabeça, concordando, abre um sorriso)
5	CS ¹⁹	[Só um pouquinho.
6	GS	(Acena com a cabeça, negando, e faz gesto de negação também com a mão esquerda).
7	Irn	Que quê ele tinha, Seu GS?
8	GS	(Olha para Irn) /o'da/ (faz gesto com a mão como se contornasse um objeto).
9	Irn	Uma fortuna que esse homem tem... Que que ele tinha?
10	GS	/a'di/ (Aponta para longe) /o'DA/ (Aponta para o alto).
11	Irn	[Casas, mansões, que mais? Barco...
12	GS	[/O'da/ ó! (Aponta para a mesa). /O'da'da/. /O'da/ (Aponta a sua esquerda) /O'da/ (Aponta para frente) /O'da/ (Aponta para a direita).
13	Irn	Que que ele tinha? Um monte de coisas... tinha tudo, né?
14	GS	(Coloca a mão no rosto, com a expressão de desconforto com essa situação) Ô! (Aceno de negação com a mão).
15	Irn	Exportava drogas para a Europa nas caixas de frutas de uma fazenda que ele comprou, né?
16	GS	Ó...(Faz gesto de apontar algo na mesa). /da'da/ (Aponta para longe).
17	Irn	E agora o que quê aconteceu com ele?
18	GS	Ó... (Olha para Irn). Ô... (Aponta para o alto e longe).
19	Irn	Onde que tá agora?
20	GS	Ó... (Continua apontando para o alto).

¹⁹ CS é um dos sujeitos do grupo e apresenta afasia que pode ser caracterizada como fluente.

21	Irn	Tá na... (Ri).
22	GS	Ó... (Cruza os dedos indicadores)
23	Irn	Tá no xadrez... (Ri)
24	GS	Ó. (Aponta para o alto).
25	Irn	E vai ficar lá, será?
26	GS	/O'da'da'da/ (Apontando para frente).
27	Irn	Ele vai ser é:: deportado?
28	GS	/O'da/
29	Irn	Pros Estados Unidos, ele vai?
30	GS	Ó! (Continua apontando para frente) Ó! (Acena, concordando com a cabeça).
31	Irn	Ele tá sendo procurado nos Estados Unidos, né?
32	GS	/O'da/ (Continua concordando com a cabeça).
33	Irn	É, e não era só ele...
34	GS	[/o'da/ (Arregala os olhos).
35	Irn	Era uma rede...

Como já mencionado, este dado refere-se a uma das primeiras interações de GS no grupo do CCA. É importante ressaltar que quando fomos buscar os registros das primeiras participações deste sujeito no grupo, pudemos lembrar sua imensa dificuldade em participar das interações. No primeiro dia, GS deixa que sua apresentação seja feita inteiramente por sua acompanhante, mas é preciso também considerar o fato de que, no início, ele havia sido “pressionado” a ir conhecer o grupo, contra sua vontade. Temos os registros de GS se recusando a participar das discussões em muitas das sessões iniciais que frequentou, mesmo quando solicitado. Respondia, geralmente, com gestos negativos com a cabeça ou com as mãos.

No dado acima, entretanto, quando Irn iniciou o assunto, já podemos observar GS se movimentando, dando a entender que queria participar da conversa. Irn aproveita esse momento e dá a oportunidade para que ele se expresse. Não é compreendido nos primeiros enunciados e passa a variar as produções de /o'da/, recorrendo também à expressão fisionômica – indicando que havia entendido a ironia de Irn em seu enunciado e concordando com ela – para continuar no jogo da linguagem. Um exemplo disso ocorre no turno 4. . Segue o trecho da transcrição:

3	Irn	Que quê ele tinha de riqueza? Ele era pouquinho rico, né?
4	GS	A:::: (Acena com a cabeça, concordando, abre um sorriso)

Quando busca demonstrar sua indignação com a quantidade de bens que o traficante possuía, GS produz seu enunciado verbal caracterizado pela estereotipia, mas marcado pelo tom de inconformidade, em conjunto com os gestos, GS vai apontando com sua mão diferentes pontos da sala, como se mostrasse os vários bens do traficante, o que possibilita aos seus interlocutores compreendê-lo melhor. E a interlocutora Irn, vai acompanhando seus gestos, e dando acabamento a cada enunciado não-verbal, a cada lugar apontado Irn complementa com um bem. Para melhor visualização, segue o trecho dos turnos 9 a 12:

9	Irn	Uma fortuna que esse homem tem... Que que ele tinha?
10	GS	/a'di/ (Aponta para longe) /o'DA/ (Aponta para o alto).
11	Irn	[Casas, mansões, que mais? Barco...
12	GS	/O'da/ ó! (Aponta para a mesa). /O'da'da/ /O'da/ (Aponta a sua esquerda) /O'da/ (Aponta para frente) /O'da/ (Aponta para a direita).

Para marcar sua opinião, sua inconformidade com a notícia discutida no turno 14, GS coloca as mãos no rosto e acena com a cabeça, em negação. Quando Irn comenta sobre o transporte ilegal de drogas, GS demonstra seu *intuito discursivo* por meio do enunciado não-verbal. Com a mão, ele parece significar que está transportando algo para longe. Irn, ao perceber as possibilidades de GS em significar com gestos, pergunta para onde o traficante iria e GS consegue simbolizar, por meio de um gesto *icônico*, a prisão, ao cruzar os dedos indicadores em forma de X, representando a prisão. Apresento a seguir recorte dessa ação:

22	GS	Ó... (Cruza os dedos indicadores)
23	Irn	Tá no xadrez... (Ri)

Este dado nos faz refletir sobre o conceito de *reportabilidade*, que vimos no capítulo anterior, sobre a motivação para narrar, visto que foi o primeiro episódio no qual ele de fato se manifestou enquanto participante ativo no grupo. Embora Irn tenha proposto o tema, houve seu envolvimento de fato. Podemos dizer que GS *quis* narrar sobre o evento, *quis* manifestar sua opinião e é isso que garante a expressão de sua *subjetividade* e de seu *querer-dizer*.

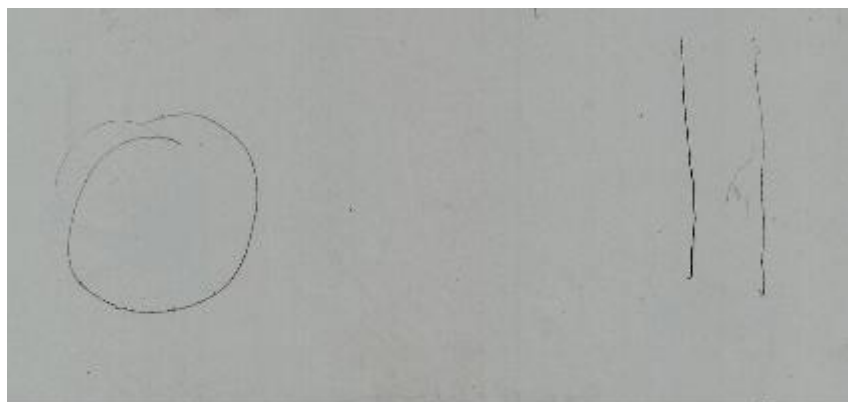
O desenvolvimento da narrativa se concentrou mais em torno do tema dos bens e posses do traficante do que propriamente sua atividade ilícita e essa direção foi dada por GS que se colocou, nesse episódio, como narrador principal. GS se expressa, por recursos

não-verbais para significar: tanto pelas expressões fisionômicas (como nos turnos 6 e 14), como por gestos, enquanto produz a forma /o'da/ - de forma *estereotipada*, conforme sugere a literatura – para preencher seus turnos conversacionais. Além disso, busca, a todo o momento, o olhar de sua interlocutora, como que confirmando sua compreensão; se ela o está acompanhando ao longo de sua narrativa.

Esse dado já nos mostrou, no início do trabalho com GS, que o desenvolvimento de recursos não-verbais, principalmente a utilização dos gestos, poderia ser uma alternativa produtiva para minimizar suas dificuldades com a produção verbal, nos processos de significação. É evidente que a significação foi sendo construída dialogicamente e ficam claros também os limites nas possibilidades narrativas do sujeito GS, devido à sua afasia severa de produção.

3.3.2. Episódio 2 – GS em Sessão do Grupo III e Sessão Individual do CCA – 22/04/2008

Contexto de produção: O grupo conversava sobre o jogo ocorrido no domingo anterior naquela semana, entre São Paulo e Palmeiras. Os são-paulinos do grupo tentavam “explicar a derrota”, principalmente para os outros integrantes “não-são-paulinos”. Quando o sujeito GS chamou a atenção do grupo para si, com o enunciado /o'da/ /o'da/ os participantes se viraram para ele e perguntaram se ele estava se referindo ao jogo. Como GS concordou (com gesto afirmativo de cabeça e dizendo /o'da/), Irn pediu para que ele tentasse explicar melhor o que estava querendo dizer. GS então desenhou com os dedos, na mesa, um *círculo* e na frente do círculo *duas linhas paralelas*.



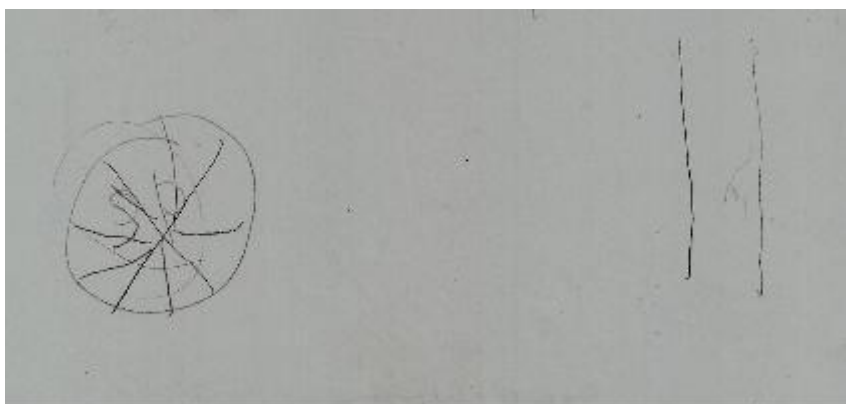
Como não foi possível compreender o que GS queria dizer, foi-lhe dado um papel e lápis para que desenhasse. GS desenhou na folha novamente o círculo e as linhas paralelas, da mesma forma como havia feito antes, na mesa. Na impossibilidade de alcançar seu *querer-dizer*, por meio dos enunciados até então produzidos (/o'da/ e os desenhos), Irn tentou então retomar o assunto, desde o momento em que GS confirmou que estava se referindo ao jogo. Perguntou-lhe sobre cada um dos elementos que constituíam seus enunciados, primeiramente sobre o círculo, se este se referia ao desenho de uma “bola”. Pela entonação com a qual ele respondeu, também desta vez com /o'da/ /o'da/, todos entenderam que *não* se tratava da bola. Levantou-se então a hipótese de que o círculo representava, por um lado, o time do São Paulo e as linhas paralelas o outro time, o Palmeiras, hipótese com a qual ele pareceu inicialmente concordar. Irn escreveu “SP” dentro do círculo e a partir disso o grupo todo participou das tentativas de compreender o que ele estava dizendo sobre o São Paulo, sendo todas rejeitadas por ele. Esta negociação dos sentidos levou vários minutos até que Irn novamente retornou ao ponto de partida, ou seja, tentando garantir que o círculo representava o São Paulo e as duas linhas representavam o Palmeiras. Desta vez, GS produziu o mesmo enunciado /o'da/ /o'da/ com a entonação que demonstrava discordância desta interpretação.

Após mais alguns minutos de tentativas sem sucesso, Irn decidiu retomar a discussão, não a partir do desenho do círculo, mas a partir do assunto que estava sendo tratado quando GS se manifestou pela primeira vez. Desta vez, contou com a ajuda de outro afásico, CA, também são-paulino, que tem uma afasia que podemos considerar “fluente”. CA sugeriu que GS talvez estivesse se referindo ao fato de o goleiro do São Paulo haver “falhado” na defesa do primeiro gol. Imediatamente GS assinalou, com um gesto apontando para CA, que era disso que queria falar. GS concordou com CA, apontando para o círculo - agora corretamente interpretado como *bola* - e fez com o dedo uma linha reta até as linhas paralelas - agora interpretado como sendo as traves do gol. Pudemos então compreender que ele discordava de que o goleiro houvesse falhado no lance, pois a bola é que foi em direção ao gol “quicando” na grama, enganando o goleiro. O grupo riu com a justificativa de GS para a “falha” do goleiro de seu time.

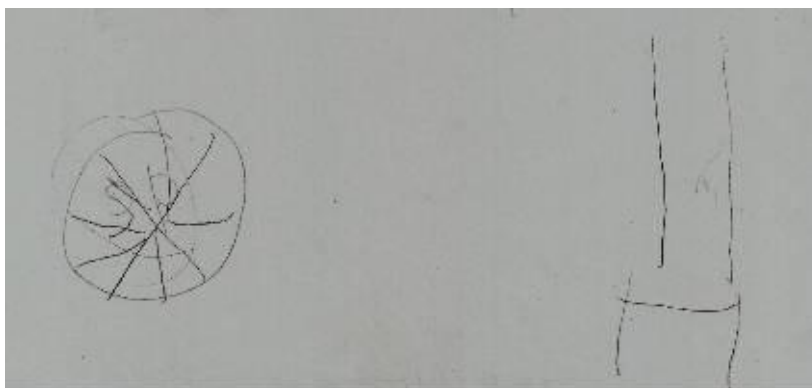
Depois da reunião do grupo, naquele mesmo dia, durante o atendimento fonaudiológico individual com GS, as estagiárias Ifo e Itn, sugeriram que GS desenhasse

novamente o esquema que havia feito durante a sessão, mas que desta vez desse mais pistas sobre o que gostaria de dizer, chamando a atenção para as dificuldades que o grupo teve para compreendê-lo, por falta de pistas, e enfatizando que ele poderia utilizar-se melhor dos recursos que têm – sobretudo dos gestos e dos desenhos - para ser melhor sucedido em seu *querer-dizer*.

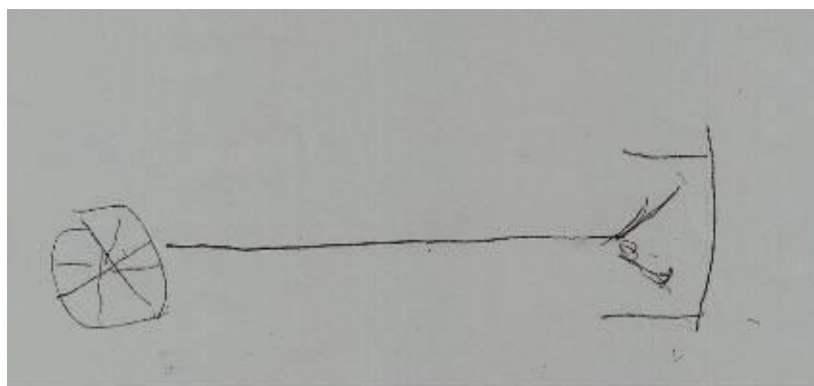
GS fez o mesmo desenho que havia feito no grupo, até escrevendo “SP” dentro do círculo. Feito isso, Itn perguntou se o círculo era uma *bola*, ao que ele concordou. Itn pediu a GS que tornasse mais claro para o interlocutor que o círculo representava uma bola. GS riscou o círculo, fazendo linhas oblíquas, como em uma bola de basquete.



A respeito do desenho das traves do gol, foi solicitado também que GS tentasse representar a figura, pensando em como os outros iriam interpretar a mesma. GS, desta vez, fez o seguinte desenho:



Satisfeito com a sua produção, que pôde ser interpretada adequadamente, GS fez, por conta própria, um terceiro desenho:



Neste último desenho, GS toma a perspectiva do outro para reformular seu querer-dizer. Podemos inferir que ao *interpretar* a perspectiva do outro, GS acrescenta o traçado que representa o trajeto da bola, demonstrando qual teria sido a causa da “falha” do goleiro; ou seja, que Ceni errou apenas porque a “bola teria se desviado”, explicação esta que fez com que compreendêssemos seu argumento.

Na teoria semiótica, como vimos no capítulo anterior, tal recurso poderia ser considerado como um aspecto do signo de *indexicalidade*. A indexicalidade – que representa uma relação de causalidade e/ou contiguidade entre um signo e o que ele significa – é certamente um aspecto interessante a ser trabalhado com sujeitos afásicos nos processos de significação, especialmente em casos de afasias severas de produção. Não se trata apenas de apontar para um objeto – de forma dêitica – mas da possibilidade de argumentar sobre ele, de emitir um valor ou opinião.

Outro aspecto muito relevante a ser discutido a partir deste dado é a possibilidade do sujeito participar de uma discussão no grupo, narrar algo que lhe chamou a atenção, fazer várias tentativas para alcançar o seu querer-dizer, e depois poder retomar o tema de sua narrativa e trabalhar suas dificuldades na sessão individual de acompanhamento fonoaudiológico, no mesmo dia. GS, com a ajuda de suas interlocutoras, consegue reproduzir o desenho realizado no grupo, mas desta vez incorporando a perspectiva do *Outro*; consegue modificar seus enunciados não-verbais, acrescenta traçados ao seu desenho original para incorporar a ação complicadora de sua narrativa, o *inédito*.

Este dado deixou claro, para nós e também para GS, que tínhamos um recurso com um potencial muito grande para ser explorado como alternativa para suas dificuldades severas de produção. O dado é relevante quando se pensa na qualidade da intervenção terapêutica. É importante, por um lado, que se dê ao afásico um tempo maior para que ele consiga reorganizar, reformular seus enunciados, seja verbal ou não-verbal, mas é também necessário que se construa junto com o sujeito a significação. GS consegue, após várias tentativas e tempo dado pelos interlocutores, chegar ao seu *querer-dizer*. É importante ressaltar como o sujeito se coloca no lugar do outro, toma essa perspectiva e muda seu desenho, coloca em seu enunciado não-verbal mais informações, acrescenta traços na bola, caracterizando-a melhor, bem como o seu trajeto até o gol. Este dado evidencia as possibilidades narrativas a partir do recurso não-verbal do desenho.

Já comentamos, anteriormente, sobre as dificuldades de se trabalhar com o desenho como recurso efetivo de comunicação, nas situações dialógicas reais. Mas foi a partir do trabalho realizado nesta sessão, especificamente, que GS compreendeu que poderia ser melhor compreendido a partir do momento que seus enunciados fossem produzidos “na direção do Outro”, considerando sua presença e perspectiva.

3.3.3. Episódio 3 – GS em Sessão do Grupo III do CCA – 09/06/2009

Contexto de produção: O grupo conversa sobre as notícias que mais chamaram a atenção durante a semana, com o apoio do jornal. Uma das notícias em destaque naquela data foi a queda do avião da Air France, em 31 de maio de 2009.

Turno	Interlocutor	Enunciados
1	Irn	Acharam um pedaço da cauda do avião. (...) É essa notícia que tem ocupado a semana inteira, né? Desde domingo passado, né? Desde domingo... (Mostrando o jornal, apontando para a notícia da queda do avião).
2	GS	[/o'da/ (Concordando com a cabeça).
3	Irn	É o que mais se fala.

4	GS	/o'da/ (Faz movimento de descer com a mão). ²⁰
5	Irn	Caiu, né? (Acena com a cabeça).
6	GS	/o'da/ (desce a mão novamente).
7	Irn	É, caiu de bico, o senhor acha? (repete o gesto de GS, descendo o braço).
8	GS	/o'da/ (Concorda com a cabeça).
9	Irn	Caiu no mar, né? É, eles estão fazendo agora, a partir do que eles estão encontrando... eles estão tentando entender o que aconteceu. O que o senhor acha que aconteceu? Que que foi? Foi falha do piloto? Foi falha do aparelho?
10	GS	Ó! (Aponta para o alto). /o'da/ (Desce a mão e a coloca paralela à mesa). /o'da/ (Coloca o dedo na mesa e faz um risco).
11	Irn	O senhor tá falando da...
12	GS	(Aponta para o alto).
13	Irn	Da nuvem? (Repete o gesto de GS).
14	GS	Ó! (Coloca a mão para cima, paralela à mesa).
15	Irn	Da nuvem que atravessou, da turbulência?
16	GS	(Acena a cabeça, negando) /o'da/ (Desce a mão e faz novamente o risco na mesa).
17	Irn	Ah...o senhor tá falando do tubo?
18	GS	/O'da/. (Desenha na mesa como se fosse a letra C, mas prolonga uma de suas pontas ²¹).
19	Irn	Do tubo que o senhor tá falando? (Repete no ar o desenho de GS).
20	GS	/O'da/. (Faz o desenho novamente e acena com a cabeça concordando).
21	Irn	É, exatamente! Vocês viram o desenho que ele fez? (Dirigindo-se ao grupo).
22	GS	/O'da/, ó! (Concorda com a cabeça).
23	Irn	Eles estão com uma suspeita de que o tubo, né?
24	GS	(Aponta para Irn) /O'da/ (Concorda com a cabeça).

²⁰ Nos turnos 4 e 6 a câmera não está voltada para GS, mas a partir da interação com a interlocutora e também do que Irn presenciou neste dado podemos afirmar a produção dos gestos.

²¹ Reproduzo o desenho realizado por GS:



25	Irn	[que fica debaixo do avião....
26	GS	/A´da/. (Continua acenando com a cabeça).
27	Irn	Ele mede o quê, aquele tubo, Seu GS?
28	GS	(para, volta suas mãos para o alto, olha para Irn) Ó... (aponta para a mesa, parece tentar desenhar algo).
29	Irn	O que que... ele tem um sensor, o que quê ele detecta, aquele tubinho?
30	GS	Ó... (Aponta para a mesa).
31	Irn	Acho que a gente nem tinha pensado...
32	GS	Ó... (Olha para Irn e aponta para a mesa). Ó, ó... (Faz um risco na mesa e olha pra Irn).
33	Irn	A velocidade, né?
34	GS	/O´da/ (Concorda com a cabeça e repete o desenho do risco na mesa).
35	Irn	A velocidade, isso. Exatamente, e é incrível a gente imaginar que uma coisinha dessas pode ter...
36	GS	/O´da/ (Levanta o dedo indicador) ah... (Concorda com a cabeça).
37	Irn	Pode ter sido uma das causas, né?
38	GS	/O´da/ (Acena com a cabeça) ó...
39	Irn	E por que que poderia ter dado esse problema nesse tubo que mede a velocidade?
40	GS	Ó... (Volta as mãos para o alto, contrai os ombros).
41	Irn	Que que pode ter acontecido?
42	GS	(Desliza a mão sobre a mesa rapidamente) /O´da/ (Faz um pequeno risco na mesa e depois levanta a mão, passando paralelamente à mesa, como se estivesse “cortando” algo).
43	Irn	Ele parou de funcionar?
44	GS	/O´da/ (Concorda com a cabeça).
45	Irn	Pode ser que ele tenha congelado, né?
46	GS	/O´da/ (Concorda com a cabeça).
47	Irn	Pode ser que ele tenha congelado porque aquela nuvem é uma concentração de gelo, de granizo.
48	GS	[(Vai concordando com a cabeça, enquanto Irn vai falando) /O´da/ Ó (Faz gesto de cair com a mão).

No episódio acima, novamente, o grupo conversa sobre as notícias da semana. Diferentemente do primeiro dado – Episódio 1 – em que Irn praticamente “convoca” GS para falar sobre o assunto, no Episódio 3, desde o início, GS se coloca como interlocutor ativo de Irn e vai construindo, com ela, a narrativa sobre as possíveis causas do acidente

com o avião. Isso é feito tanto por meio de seu enunciado /o'da/, mas também, e principalmente, por meio de sua atividade não-verbal – de natureza gestual. É evidente que também a entonação tem papel relevante na construção dos sentidos.

O que consideramos relevante neste dado é que GS quer apresentar ao grupo sua versão do acontecimento, daquilo que acompanhou nas notícias. Vale ressaltar que podemos inferir, a respeito de sua interpretação dos fatos, acerca de sua capacidade de compreensão. Não foi necessário aplicar testes de baterias neuropsicológicas para constatar que GS tem a compreensão bastante preservada. Desde o início GS vai marcando em seu discurso, com os gestos que faz com a mão esquerda para baixo, que gostaria de falar sobre a queda do avião – gesto que é interpretado e reproduzido por Irn no turno 7 e que dá origem ao episódio.

Quando Irn começa a dar acabamento aos seus enunciados, ele inicialmente parece discordar de suas afirmações e continua tentando demonstrar o seu ponto de vista. Vai refinando seus gestos para alcançar seu *querer-dizer*. Nos turnos 10 e 16, podemos notar novamente a presença do desenho nas suas produções não-verbais, e essas produções o auxiliam no processo de significação. A interlocutora vai interpretando esses desenhos, construindo em conjunto com o sujeito a sua narrativa. É importante dizer, entretanto, que a significação só foi alcançada, neste exemplo, porque Irn havia visto a notícia no jornal e sabia da hipótese de que o problema técnico com o avião poderia ter sido com o tubo de Pitot²² ao qual GS se referia. É relevante dizer que esse conhecimento é partilhado pela interlocutora, que consegue dar acabamento aos seus enunciados. É importante notar também que GS sinaliza positivamente, sempre que seu *intuito discursivo* é atingido e isso vai lhe dando cada vez mais confiança para participar dos episódios dialógicos e para explorar os recursos alternativos de significação não-verbais.

Ao discutirem sobre o que poderia ter causado o acidente, nos turnos 42, 43 e 44, GS primeiramente, faz o desenho na mesa (que foi compreendido, anteriormente, pela interlocutora como o tubo de velocidade) e, então, faz o gesto de “cortar” sobre esse *risco*, um signo não-verbal de natureza simbólica, que é interpretado por Irn como “parar o funcionamento”, interpretação que foi aceita por GS, como podemos notar no trecho abaixo:

²² Os tubos de Pitot são sensores de velocidade do avião e na época do dado se cogitava que estes haviam se congelado causando a queda da aeronave.

42	GS	(Desliza a mão sobre a mesa rapidamente) /O´da/ (Faz um pequeno risco na mesa e depois levanta a mão, passando paralelamente à mesa, como se estivesse “cortando” algo).
43	Irn	Ele parou de funcionar?
44	GS	/O´da/ (Concorda com a cabeça).

Neste dado, mais uma vez, podemos nos remeter à questão da *reportabilidade*. GS se mostra como narrador principal do evento e busca trazer para a discussão as possíveis causas da queda do avião, apresentando ao grupo a sua opinião: que o acidente teria sido causado por uma falha mecânica no dispositivo que media a velocidade da aeronave, destacando e organizando sua narrativa a partir dos fatos que considera importante. Todo esse dado é construído dialogicamente e é reportado por GS para o grupo, mostrando sua motivação ao narrar.

Na perspectiva discursiva que orienta nosso trabalho, é muito relevante que os interlocutores – sejam familiares, amigos ou terapeutas – estejam familiarizados com os tópicos discursivos que estão sendo desenvolvidos com os sujeitos afásicos.

No trabalho clínico, por exemplo, não basta dizer aos sujeitos afásicos que eles precisam ler o jornal, assistir notícias na TV, estarem sintonizados com os fatos que estão ocorrendo no mundo. Também os terapeutas precisam estar a par desses fatos, para poderem participar de forma ativa nos processos de significação.

3.3.4. Episódio 4 – GS em Sessão do Grupo III do CCA – 15/09/2009

Contexto de produção: O grupo comenta sobre as notícias da semana, sendo que os temas abordados vão desde as novidades com os próprios sujeitos a reportagens ou fatos que acompanharam em jornais ou televisão. Os sujeitos vão se alternando nas narrativas que querem compartilhar. Apresentaremos o recorte em que há a participação mais efetiva de GS.

Turno	Interlocutor	Enunciados
1	Irn	E aí, Seu GS, conta as novidades para nós.
2	GS	/O´da/ (Contraí os ombros).

3	Irn	Nenhuma?
4	GS	Ô! (Contraí os ombros novamente).
5	Irn	Que que o senhor tem assistido na televisão?
6	GS	/A´da/ (Leva a mão para frente e faz gesto de negação com a cabeça).
7	Irn	Política?
8	GS	Ô... (Faz que não com o dedo indicador).
9	Irn	Não?
10	GS	/A´da/ (Repete o gesto de negação).
11	Irn	Mas como que estão as coisas lá no congresso? Tá mais calma a coisa lá, agora, ou não?
12	GS	/A::da/ (Faz careta virando o rosto e fechando os olhos).
13	Irn	Que que nós temos de novidade no cenário político nos últimos, nas últimas semanas?
14	GS	(Para, olha para Irn e vai mais para a frente na cadeira).
15	Irn	Que que nós temos de novidade? O Brasil vai comprar o quê? De quem?
16	GS	/O´da/ (Acena com a cabeça).
17	Irn	O Brasil vai comprar o quê?
18	GS	/O´da/ (E levanta o dedo indicador).
19	Irn	O quê?
20	GS	/O´da/ (Faz o gesto de algo grande em cima da mesa) Ãh... (Faz com as mãos a forma de um cilindro na vertical, que vai descendo até embaixo da mesa) Ã.
21	Todos	Ah::
22	Irn	Ahn... ele tá por dentro.... (Irn se dirige ao grupo, que ri). Vocês viram? Vocês entenderam o que é? Faz de novo, Seu GS.
23	GS	Ó... (Repete o movimento). /O´da/ (se dirige ao grupo).
24	Irn	Quem sabe o quê é?
25	Todos	Um submarino!

Este é o último dado de GS que trazemos nesta dissertação. Embora tenha sido uma amostra pequena de dados, é possível observar como GS foi refinando sua atividade gestual nos processos de significação. Assim como nos dados anteriores, temos neste Episódio 4 a construção conjunta da significação e sabemos que só foi possível a GS chegar ao seu intuito discursivo porque os interlocutores envolvidos na interação dialógica realmente se constituíam como *parceiros da comunicação verbal*. Irn inicia o Episódio 4 convidando GS para o diálogo. Mesmo que GS nada tenha a dizer sobre política, logo surge um tópico

discursivo sobre o qual não apenas ele (GS), mas o grupo todo se engaja, e ele não deixa de mostrar sua opinião. Quando Irn pergunta se o congresso estaria mais calmo, GS demonstra sua discordância, fechando o semblante, como que “virando a cara” para este assunto, recusando-se a comentar.

Quando Irn dá início a um outro assunto, que GS acompanhou nas notícias em jornais e na televisão, o sujeito se propõe a participar da discussão, pois GS considera o fato reportável. GS consegue, no turno 20, produzir com bastante eficiência o gesto que representava um *periscópio*. Trata-se, portanto, neste caso, de um signo de natureza *icônica*, que por meio de processos metonímicos (a parte pelo todo) viabilizou a significação do querer-dizer – *submarino*.

É interessante notar como a interlocutora e o grupo reagem à produção de GS, dando acabamentos aos seus enunciados, mostrando a GS o quanto ele estava sendo efetivo em sua comunicação.

3.4. Considerações gerais sobre as produções de GS

Consideramos relevante, após esta amostra de dados de GS, ressaltar sua mudança de atitude frente às suas dificuldades, seu engajamento nas atividades dialógicas propostas no grupo e, em consequência, o seu modo de enxergar as suas possibilidades narrativas também em outros círculos sociais, fora das atividades desenvolvidas no CCA.

GS já havia realizado acompanhamento fonoaudiológico durante um longo período e estava “desacreditado” com relação à possibilidade de se comunicar, de alcançar seu querer-dizer, devido às limitações de suas produções orais. Só iniciou no grupo após muita insistência de uma das pesquisadoras e, como vimos, no início do trabalho parecia que apenas o fracasso seria alcançado, devido ao grau severo de sua afasia.

Apenas um trabalho que privilegia o sujeito e que dá a ele tempo para entrar no jogo da linguagem tem um efeito reversível em casos tão graves. Não é reversível no sentido que devolve a linguagem verbal, oral, tão prezada pela sociedade. Os impactos das lesões neurológicas sobre o funcionamento da língua têm, de fato, efeitos devastadores e o sujeito não voltará, em muitos casos, a *falar*. Mas não é só de linguagem verbal que se faz a comunicação e a significação. Afirmamos que o efeito *reversível*, portanto, existe, ao

ajudar o sujeito a desenvolver recursos alternativos de significação, para sua reinserção no *jogo da linguagem*.

Sintetizando as características de seu quadro, podemos afirmar que, do ponto de vista da literatura tradicional, o *sistema da língua* praticamente se reduziu às estereotípias /o'da/ e a poucas variações desta, acompanhadas por expressões fisionômicas bastante expressivas, que nos dão muitas pistas sobre a avaliação que GS faz de uma determinada temática que está sendo discutida, pela produção de alguns desenhos – que na maioria das vezes apenas complementam ou apontam para uma característica muito específica de um objeto – e, predominantemente, por gestos de natureza icônica ou simbólica, que de forma eficiente o ajudam a chegar o mais próximo possível de seu querer-dizer.

Sua subjetividade é revelada, nos dados, pelos momentos em que adere ou não ao tema proposto, pela sua insistência em refinar os gestos ou traços do desenho para expressar sua opinião e, até mesmo, pela sua permanência no grupo, após um período inicial em que se recusava a interagir.

Olhar para o percurso enunciativo de GS, nesta dissertação, desde os primeiros registros, analisando como foi possível – num caso de afasia tão grave de produção – desenvolver tantos recursos para viabilizar seu querer-dizer, nos dá a certeza de que é este tipo de trabalho que deve orientar as condutas terapêuticas com sujeitos afásicos.

Após essa reflexão, passamos a apresentar os dados de TR.

3.5. Os dados de TR

No primeiro dado de TR (episódio 5), a seguir, buscamos ilustrar as suas produções quando iniciou o acompanhamento no CCA. No referido episódio, TR conta um pouco sobre as pessoas de seu convívio. Consideramos necessário chamar a atenção para o trecho (turnos 42 a 57) em que ela é questionada sobre a profissão de seu marido, uma vez que este tema é também o foco do último dado de TR (episódio 7), apresentado nesta dissertação.

No episódio 6, que acontece pouco mais de um ano após o início de seu acompanhamento, TR relata ao grupo um fato que aconteceu em sua casa. Também este dado nos faz pensar na importância da relação do atendimento individual com o

atendimento em grupo, pois TR retoma algo já discutido na sessão individual e acrescenta novos fatos à sua narrativa quando vai relatar aos demais membros do CCA.

No último dado temos a busca incessante de TR para chegar ao seu *querer-dizer*. Vemos como o sujeito vai construindo, junto com seus interlocutores, a possibilidade de chegar à palavra desejada e, para isso, lança mão de diferentes signos, verbais e não-verbais. O dado também nos faz refletir, novamente, sobre o papel dos interlocutores na construção da significação e para o desenvolvimento dos recursos alternativos, ao longo deste processo.

3.5.1. Episódio 5 – TR em Sessão do Grupo III do CCA – 28/09/2010

Contexto de produção: Irn apresenta TR para o grupo, pois é seu primeiro dia no CCA. TR conheceu o grupo por intermédio da pesquisadora Iip, que também a acompanha nessa sessão.

Turno	Interlocutor	Enunciados
1	Irn	E daí, TR? Conta mais sobre você então.
2	TR	Eu? (Olha para Iip ²³ e sorri).
3	Iip	Fala como o seu marido chama. Como que ele chama? (Aponta a trás delas) ²⁴ .
4	TR	Oswaldo ²⁵ .
5	Iip	Oswaldo. A dona TR tem uma filha que chama...
6	TR	[Janaína, Janaína, Janaína.
7	Irn	Uma só?
8	TR	Uma, uma. (Faz o gesto de “um” com o indicador da mão esquerda). Obrigado, obrigado! (olha para cima e põe a mão no peito).
9	Irn	Ainda bem! (Ri com o grupo).
10	TR	(Gargalha).
11	TR	Tudo, tudo, obrigado! (Leva a mão ao peito).
12	Irn	Quantos anos que ela tem?

²³ Iip é pesquisadora do grupo III do CCA, e devido seu trabalho de pós-doutorado desenvolvido no IEL, orientado pela professora Rosana do Carmo Novaes-Pinto participava das sessões do CCA.

²⁴ O marido de TR não participou desta sessão.

²⁵ Os nomes apresentados nos dados de TR foram modificados para preservar a identidade dos sujeitos.

13	TR	Dez... (mostra cinco dedos da mão esquerda) nove (mostra quatro dedos).
14	Irn	Nove anos?
15	TR	Não!
16	Iip	Dez mais nove anos. Dezenove anos.
17	Irn	Ah dezenove anos.
18	TR	(Faz sinal de positivo, com o polegar) Aham! (Depois eleva o braço esquerdo).
19	Irn	Ah, dezenove anos! Já é moça. (Acena com a cabeça, concordando).
20	TR	(Acena com a cabeça).
22	Irn	E ela mora com você?
23	TR	Isso! (Acenando positivamente com a cabeça).
24	TR	Marcelo, homem. (Cutuca Iip que está ao seu lado).
25	Irn	Quem é Marcelo?
26	TR	(Ri, olhando para Iip, e aponta para fora da sala).
27	Iip	Namorado?
28	TR	(Acena com a cabeça, concordando, e começa a dar gargalhadas).
29	Iip	Ahn, no meu tempo não tinha!
30	Irn	Não tinha no seu tempo!
31	TR	(Continua gargalhando, apontando para Iip).
32	Iip	No meu tempo ela não tinha namorado. Tem um genro, agora? (Pergunta, olhando para TR).
33	TR	Isso. Um, dois. (Continua rindo e olhando para Iip).
34	Irn	Mas não tem... (Olhando para TR).
35	TR	[não,não (Rindo, faz gesto negativo com o indicador).
36	Irn	Não... eu ia falar se ia casar, mas não. (Irn ri). Namorado, tá. E ela trabalha?
37	TR	Isso. (Acena positivamente com a cabeça).
38	Irn	E ela estuda também, ou não. Só trabalha?
39	TR	[(acena com a cabeça, concordando) Não, não! Tudo, tudo!
40	Irn	Estuda também?
41	TR	Isso. (Acena positivamente com a cabeça).
42	Irn	E o seu marido, o quê que ele faz?
43	TR	Ai, ai... (Olha para Iip).
44	Irn	Ó... não olha para a Iip não, que a Iip sabe tudo da sua vida,

		nós é que não sabemos.
45	TR	Iip. (Começa a gargalhar).
46	Irn	O quê que ele faz?
47	Iip	Deixa eu lembrar o quê que ele faz...
48	TR	Osvaldo... (Olha para Iip e começa a elevar a mão esquerda).
49	Iip	Quê que ele faz?
50	Irn	Quê que ele faz? Dá uma pista para a gente, quê que ele faz?
51	TR	Ai, ai. (Continua olhando para Iip).
52	Iip	Ele tá aposentado?
53	TR	Isso, isso. (Acena positivamente com a cabeça).
54	Irn	Ah é aposentado?
55	TR	Isso, isso. (Aponta para Irn).
56	Iip	Então fala A-PO-SEN-TA-DO. (Fala silabando e olhando para TR).
57	TR	[TA-DO.
58	Irn	E onde que você conheceu a Iip?
59	TR	(Olha para Iip).
60	Iip	Na...
61	TR	Priscila, Priscila.
62	Irn	Priscila?
63	Iip	Foi a Priscila! Mas como que chama o lugar que você ia?
64	Irn	Mas o que é Priscila? Tem alguma coisa a ver?
65	Iip	(Faz de sinal de positivo para Irn).
66	Irn	Tem?
67	Iip	Vai, o que é Priscila? (Olha para TR e aponta para Irn).
68	Irn	O que é Priscila?
69	TR	(Aponta para a Irn e acena com a cabeça).
70	Iip	O quê que a Priscila é sua? Vi...
71	Irn	Ah tá...
72	Iip	O quê que a Priscila é sua? Vi..zi..
73	TR	Ta.
74	Irn	Vizinha?
75	TR	Isso! (Sinal de positivo com a mão).
76	Irn	Então é alguém que já conhecia.
77	TR	Isso. (Acenando com a cabeça).
78	Irn	A Priscila já conhecia a Iip e levou você para lá.
79	TR	Aham! Um, dois. (Acenando com a cabeça).
80	Irn	Mas a Priscila, ela também... ia nessas reuniões?
81	TR	Não, não. (Nega com o dedo indicador).
82	Iip	O quê que ela era? (Cutuca TR com a mão).

83	Irn	O quê que ela fazia?
84	Iip	Olha para essas meninas. (Aponta para as outras pesquisadoras da mesa).
85	TR	(Sorri e olha apontando para as pesquisadoras).
86	Iip	Quê que a Priscila era lá da PUC?
87	TR	(Sorri e aponta para uma das pesquisadoras bem na sua frente).
88	Ipr ²⁶	Aluna?
89	TR	Isso! (Sorri e faz sinal de positivo com a mão).
90	Irn	Ah tá, então a Priscila era aluna da Iip e te conhecia e levou você para conhecer lá.
91	TR	[Isso, isso. (Faz acenando com a cabeça e fazendo sinal de positivo).

Este dado – Episódio 5 – é um recorte da “apresentação” de TR ao grupo, no qual ela conta alguns fatos de sua vida. É possível reconhecer, primeiramente, que embora haja características diferentes do quadro de GS, também podemos nos referir ao quadro de TR como sendo uma afasia severa de produção. Além de notar o aparecimento do enunciado relativamente cristalizado: “um, dois”, podemos observar que TR também consegue produzir alguns nomes – do marido, da filha, do genro e da conhecida que a levou para a terapia. A todo o momento, TR está buscando produzir seus enunciados, sejam eles verbais ou não-verbais, acenando e/ou negando com a cabeça, fazendo sinal de positivo ou negativo com a mão. Sobre esses gestos, consideramos relevante discutir a natureza do sinal feito por TR com o polegar, um signo não-verbal de natureza simbólica, muito recorrente em seu repertório e que pode ser observado em diferentes turnos neste episódio (turnos 18, 75, 89 e 91), mas também em outros.

A narrativa de TR, em relação à de GS é mais complexa, justamente pela presença de alguns enunciados verbais. Ela, por exemplo, nomeia os participantes de suas narrativas (os personagens, de acordo com Labov), pois não apresenta muitas dificuldades com os nomes próprios, principalmente aqueles de sua esfera mais familiar. Assim, além da *reportabilidade*, há outros elementos presentes em sua narrativa, como a introdução de algo *inédito*, que introduz no Episódio 5, por exemplo, quando diz: “Marcelo, homem” (turno

²⁶ Ipr corresponde a uma pesquisadora, aluna de Irn, que apenas participou dessa sessão do grupo para conhecer o CCA.

24), uma informação que até mesmo Iip (sua terapeuta anterior e presente na sessão do CCA naquela data) desconhecia – que sua filha tivesse um namorado.

Para alcançar o seu querer-dizer, TR complementa seu enunciado verbal com o gesto de apontar para fora da sala, que pode ser compreendido como “de fora da família”, Iip consegue então dar acabamento ao seu enunciado, chegando ao seu querer-dizer. Esses enunciados estão no seguinte trecho analisado:

24	TR	Marcelo, homem. (Cutuca Iip que está ao seu lado).
25	Irn	Quem é Marcelo?
26	TR	(Ri, olhando para Iip, e aponta para fora da sala).
27	Iip	Namorado?
28	TR	(Acena com a cabeça, concordando, e começa a dar gargalhadas).

Chamamos a atenção ainda para o uso de gestos para indicar quantidade, como quando indica com os dedos da mão esquerda os números referentes ao fato de que tem apenas uma filha e qual a sua idade. TR faz ainda a descrição dos personagens de sua narrativa que, como vimos, é uma das características deste gênero, de acordo com Labov. (Turnos 8 e 13).

Sobre os enunciados verbais de TR, é importante dizer que muitas vezes ela se vale dos *promptings* para produzir algumas palavras ou partes delas, como pode ser observado no Turno 58, em que TR consegue reproduzir o final da palavra “aposentado”, com a mediação de Iip. Mas como vemos nos Turnos 71, 73 e 74, o sujeito, nem sempre consegue selecionar a palavra desejada, como quando Iip dá o *prompting* “vizi...” (para vizinha), mas TR produz “visita”.

A partir do turno 81, Irn pergunta a TR sobre “Priscila”, o que esta fazia no grupo que o sujeito participava anteriormente. TR olha para Iip, pedindo ajuda. A investigadora então diz “Olha para essas meninas” e aponta para as pesquisadoras e alunas da sala (turno 85). TR não consegue produzir seu intuito discursivo verbalmente e então faz uso do recurso não-verbal, apontando para as pesquisadoras, até que uma delas dá o *acabamento* para seu enunciado, dizendo que teria sido uma aluna.

Já neste primeiro dado, com relação ao uso de recursos não-verbais, em comparação ao caso de GS, podemos concluir que quanto mais severa é a afasia e quanto mais há a impossibilidade de produção de linguagem verbal, mais os gestos e outros recursos alternativos se apresentam.

3.5.2. Episódio 6 – TR em Sessão do Grupo III do CCA – 08/11/2011

Contexto de produção: O grupo comenta sobre as novidades e fatos que aconteceram durante a semana.

Turno	Interlocutor	Enunciados
1	Irn	Foi no casamento, TR?
2	TR	Aham. Araraquara. (Acena com a cabeça, concordando).
3	Irn	Foi bom?
4	TR	(Sorri e olha para Itn).
5	Irn	Não era casamento, era bodas!
6	TR	Isso. (Faz sinal de positivo, com o polegar).
7	Itn	Isso? A Janaína achou sapato?
8	TR	(TR começa a gargalhar).
9	Itn	Lembra, Irn?
10	TR	Janaína, Janaína. (Continua rindo).
11	Irn	O quê que a Janaína aprontou? Ela não, né? Ah foi ela também, né?
12	TR	Isso, um, dois. Eu, Osvaldo, um, dois. Janaína, onde? Onde? Araraquara. (TR junta os dedos e balança a mão). Onde? (Abre os dedos da mão, querendo representar um objeto). Marcelo. Marcelo. (Olha para Itn).
13	Itn	Deu pra ela...
14	TR	Isso. (Abre os dedos novamente).
15	Irn	Quê que ele deu pra ela? Ninguém sabe do que a senhora tá falando.
16	Itn	É...
17	TR	Pa. (Pronuncia “PA” em dúvida, olhando para o seu pé, depois olha para Itn).
18	Itn	Sa...
19	TR	Sapato, sapato. (Olha para Irn).
20	Irn	Um sapato, uma sandália né? Que ele deu pra ela.
21	TR	Isso. Cachorra. (Leva a mão no rosto e começa a gargalhar).
22	Irn	Cachorra pegou e fez o quê?
23	TR	Tudo, tudo. Um, dois. (Passa a mão pela garganta em um gesto contínuo, como se estivesse engolindo).
24	Irn	Acabou com a sandália que ela ia na festa.
25	TR	Tudo, tudo. Janaína... Onde? Onde? Não, não! Um, dois. (Rindo, olha para Itn).

26	Irn	Ela deixou para fora, aí a cachorra pegou.
27	TR	Ah é? Janaína, cachorra, tudo, tudo. (Eleva a mão, e faz como se estivesse dando bronca).
28	Irn	Comeu... Comeu a sandália!
29	TR	Um, dois... Ai Deus! (Ri e aponta para Irn).
30	Irn	E aí comprou outra sandália?
31	TR	Não. Não, não. (Faz gesto com a mão abanando).
32	Irn	Deu pra usar a mesma?
33	TR	Não, não. (Faz gesto com a mão abrindo os dedos).
34	Itn	Usou outra, tinha outra lá.
35	TR	Isso, Marcelo. Um, dois. (Faz gesto de abrir os dedos novamente).
36	Itn	Ele deu outra?
37	TR	Não, não. (Faz gesto para o lado).
38	Itn	Outra que ele já tinha dado.
39	TR	Isso, isso. (Acena com a cabeça, olhando para Itn).

Neste episódio, TR narra ao grupo o que havia acontecido em sua casa, na semana anterior, com o auxílio de Irn e Itn, que já sabiam sobre o fato de a cachorra ter comido o sapato de sua filha.

Nos turnos 12 e 33, TR faz o mesmo gesto, abrindo a mão e estendendo os dedos, para significar o mesmo objeto – o *sapato*. TR se utiliza de um signo não-verbal *icônico*, para representar um “sapato”, que os interlocutores conseguem interpretar, dando acabamento ao seu intuito discursivo. É interessante notar que TR tenta dizer “sapato”, no turno 19, olhando para seu próprio pé, mas o som que emerge é “PA” – que é tanto uma sílaba da palavra “sapato” quanto tem semelhança com a palavra “pé”. Quando Itn produz o *prompting* da sílaba inicial “sa”, TR consegue prontamente produzir a palavra “sapato”, o que não ocorre com GS, em hipótese alguma. Nesse dado TR usa também o gesto para “comer”, também de natureza icônica, (turno 23), levando a mão à boca de forma contínua, passando pela garganta, para representar que a cachorra estava engolindo o sapato.

É necessário salientar, com relação ao episódio 5, que por se tratar de um evento que já havia sido reportado na sessão individual, TR consegue se colocar como narradora principal ao narrar para o grupo, acrescentando a informação inédita e também relatando a solução do problema para substituir o sapato destruído. Ao longo do episódio, TR não

apenas se refere a outro sapato, mas também consegue dizer que este tinha sido dado à filha como presente, por seu namorado.

O que mais chama a atenção neste dado, a nosso ver, é como os enunciados de TR vão adquirindo, com o tempo, um estilo conhecido na literatura como *telegráfico*. Sua afasia não deixa de ser de produção e severa, mas percebemos que um dos efeitos do trabalho terapêutico realizado no CCA é que seu léxico está sendo ampliado gradativamente, além do fato de estar explorando mais os recursos não-verbais de significação – principalmente os gestos e as expressões fisionômicas, em seu caso muito significativas.

3.5.3. Episódio 7 – TR em Dado de Sessão Individual – 05/06/2012

Contexto inicial: Este dado ocorreu em sessão individual, durante a qual TR falava sobre uma viagem que o marido faria para ajudar a “consertar” a casa de um familiar. O trecho transcrito, portanto, corresponde a um *recorte* de outra narrativa de TR. Em um dado momento, o sujeito tenta introduzir uma informação inédita para nós, a profissão de seu marido, que deflagra a busca pela palavra que correspondesse ao que ela queria dizer. No episódio 5, como vimos, quando foi apresentada ao grupo, ela apenas se restringiu à informação de que ele era aposentado, mas isso certamente não a deixou satisfeita.

Turno	Interlocutor	Enunciados
1	Itn	O quê o Osvaldo fazia antes de aposentar?
2	TR	(Olha para Itn e Icb, com expressão inconformada).
3	Itn	Não sei.
4	TR	Não? Não? (Ri).
5	Itn	Nunca falamos disso, eu acho.
6	TR	É?
7	Itn	É. Da senhora eu sei, mas dele não.
8	TR	(Pega o lápis e olha para Icb).
9	Itn	Tá vendo? Se a gente soubesse...
10	TR	(Começa a gargalhar).

11	Itn	É verdade... Se a gente soubesse já tinha... ²⁷
12	TR	Ah é?.
13	Itn	É. A gente já ia saber o que ele vai fazer.
14	TR	Eu? (Pega o lápis e começa a escrever).
15	Itn	Não. O que ele fazia, o quê que ele trabalhava.
16	TR	(Termina de escrever e olha para Icb, que está ao seu lado).
17	Itn	IEN, MEN, TEN... (olhando o que TR escreveu).
18	TR	BÊ? (Olha para Itn).
19	Itn	PÊ?
20	Icb	TEN?
21	TR	Não, não.
22	Itn	Não é encanador?
23	TR	Não, não. (Aponta para fora da sala). I::::: (Faz esse som e com a mão faz como se estivesse puxando algo).
24	Icb	Não é encanador? Eletricis...
25	TR	Não, não. (Faz sinal de positivo com a mão).
26	Itn	Não era de pedreiro, de construir casa?
27	TR	Não, não. (Faz careta. Contraí as sobrancelhas).
28	Icb	Mas ele trabalhava indo nas casas das pessoas ou não?
29	TR	Isso. (Acena com a cabeça, sorrindo).
30	Icb	Consertando... (Aponta para a pia da sala).
31	Itn	Encanamento, assim?
32	TR	Isso. (Acena com a cabeça, concordando).
33	Itn	Mas não é encanador?
34	TR	Não, não.
35	Itn	m...ecânico.
36	TR	[(Quando Itn inicia com o som /m/ TR arregala os olhos.) Não, não. Ó... Ai Deus.
37	Itn	Soldador?
38	TR	Não, não. (Nega com a cabeça, e começa a rir).
		[...]
40	Icb	Não é encanador? Pra mim quem trabalha assim...
41	TR	Não, não. (Nega com a cabeça).
42	Icb	Não é?
43	TR	PA... (Tenta iniciar o som da palavra, mas nega com a cabeça).
44	Itn	Engenheiro mecânico?

²⁷ Itn refere-se ao assunto anterior, pois demoraram para entender o quê exatamente o marido de TR iria ajudar a “consertar”, na casa do parente.

45	TR	Não, não. (Para, olha para o que escreveu no caderno).
46	Icb	Eita.
47	TR	PA.. Osvaldo. (Começa a escrever no caderno, as mesmas letras de antes).
48	Itn	Não é pintor?
49	TR	Não, não. Nossa, na::não, tudo, nada. (Sacode a mão).
50	Itn	Ele fazia de tudo na casa da pessoa? Se falasse assim...
51	TR	Não, não. Hoje, não. (Balança a mão, negando).
52	Itn	Hoje não.
53	TR	Ó, não, não, tudo bem. (Levanta a mão esquerda, como se cobrisse algo). Ai Deus.
54	Itn	Antes ele fazia?
55	TR	Não, não.
56	Itn	Que parte que ele mexia mais, TR? De encanamento?
57	TR	Não, não. (Nega com a cabeça).
58	Itn	De água não é?
59	TR	Não, não. (Abana a mão, negando).
60	Icb	Não era de força? (Aponta para a lâmpada).
61	Itn	Da parte elétrica?
62	TR	Não, não.
63	Itn	Não é elétrica?
64	TR	(Sorri e aponta para Itn).
65	Itn	É?
66	TR	Não, não.
67	Itn	Água, eletricidade...
68	TR	(Começa a bater na mesa com o lápis) I:..... (aponta para Itn).
69	Icb	Campainha? (Imita o gesto de TR).
70	TR	Não, não. Onde? Ca..carro, não. Carro. (Sorri e aponta para Itn novamente).
71	Itn	Mecânico?
72	TR	Não, carro, não.
73	Itn	Não carro.
74	Icb	Funileiro?
75	TR	Não, não. Ca...
76	Itn	Casa...
77	TR	Não, não.
78	Icb	Manobrista?
79	TR	Oi? (Arregala os olhos e olha para Icb).
80	Icb	Manobrista!

81	TR	Isso. Onde? Quem? (Continua apontando para Icb e fala empolgada).
82	Icb	Que fica dirigindo? (Faz gesto como se estivesse segurando um volante).
83	TR	Não.
84	Itn	Motorista?
85	TR	Não, não. Onde? (Aponta para Itn).
86	Itn	Não, motorista.
87	TR	Não, não. (Apontando para Itn esfrega o dedo indicador no dedo médio).
88	Itn	De... Andar?
89	TR	Não, não. Ai Deus.
90	Icb	É um carro? (Faz o gesto do volante novamente).
91	TR	Não, não.
92	Itn	Chegamos perto.
93	Icb	Ônibus?
94	TR	Não, não. Isso. (Fica animada e balança a mão “para continuar”).
95	Icb	Trator?
96	TR	Não, não. (Continua com a mão levantada e sorrindo).
97	Itn	No ônibus?
98	TR	Não, não. (TR balança a mão e nega).
99	Itn	Helicóptero?
100	Icb	Taxista?
101	TR	Não, não.
102	Icb	Era de carro?
103	TR	Não, não.
104	Icb	Também não?
105	Itn	Ele trabalhava dentro do carro?
106	TR	Isso. Não, não. (Faz novamente o gesto de esfregar o dedo indicador com o dedo médio).
107	Itn	Não era dentro do carro?
108	TR	(Começa a rir).
109	Icb	Eu falei manobrista, e a senhora... (Imita o gesto de TR de esfregar os indicadores paralelos, interpretando como “parecido, igual”).
110	TR	Isso, onde?
111	Icb	É quase manobrista?
112	TR	Isso, onde? (Começa a gargalhar olhando para Icb e concorda com a cabeça).

113	Icb	Aonde? (Olha para Itn). De criança?
114	TR	Não, não.
115	Icb	De levar criança pra escola?
116	TR	Não, não. (Nega com o dedo indicador).
117	Itn	Manutenção?
118	TR	Oi?
119	Itn	Manutenção?
120	TR	(Nega com o dedo). Não, não. (Aponta para Itn).
121	Itn	Então começa com MA? Começa com MA..
122	TR	Isso, isso. (Aponta para Itn).
123	Icb	Ma.. quinista....
124	TR	Isso, isso. Obrigado!

Este dado de TR poderia ser analisado de diferentes perspectivas, para tratar de diferentes aspectos das afasias. Em primeiro lugar, podemos dizer que ele dá visibilidade às dificuldades severas de produção de TR. Vemos, por exemplo, a sua dificuldade de encontrar a palavra desejada: *maquinista*, o uso do recurso não-verbal (no turno 68), de bater com o lápis na mesa, enquanto imitava o apito do trem: I::::. – que, neste caso, não foi bem-sucedido, já que as interlocutoras não conseguiram interpretar sua pista. Como num jogo de adivinhar a palavra, entretanto, TR vai conseguindo delimitar o campo semântico da palavra que deseja dizer - que foi possível após ter dito, no turno 70, a palavra “carro”. Ao final, felizmente, consegue ser interpretada, depois de mais de cem turnos travados no processo dialógico.

Logo no início do dado, vemos TR lançando mão de um recurso alternativo de significação, na impossibilidade de nomear a profissão de seu marido. TR produz um signo não-verbal, de natureza icônica, associado com o enunciado verbal, ao imitar o apito do trem. Produz também, com a mão esquerda, o gesto de puxar algo, enquanto novamente imita o “apito” de um trem. TR não foi bem-sucedida, pois suas interlocutoras não associaram as pistas dadas à profissão do seu marido. Depois de analisado o dado, parece evidente que ali essas pistas eram *indiciárias* e que a profissão poderia ter sido descoberta já no primeiro turno do diálogo. Entretanto, não foi isso o que aconteceu.

Quando Icb diz “manobrista” (Turno 78), TR dá um sinal positivo de que a palavra está de alguma forma relacionada àquela que ela deseja produzir. De fato, há uma relação

estreita, tanto de sentido quanto de semelhança fonológica. Foi esse jogo de apontar semelhanças e diferenças entre as palavras que iam surgindo e aquela que TR queria dizer que levou à palavra buscada: maquinista.

Ao retornarmos ao dado, já no momento de transcrição e de análise, nos pareceu claro seu intuito e a pista que ela deu também parecia apropriada. No momento da interação, entretanto, não foi possível atribuir o significado adequado. Como vimos com Sebeok, faltou, neste caso de comunicação, justamente a *compreensão*, necessária nos processos de interpretação.

Ao longo do Episódio 7, outros fenômenos interessantes ocorrem, na tentativa de produção de signos verbais, como a produção de “PA”, provavelmente no lugar de “ma”, para “maquinista” (Turnos 43 e 47), uma vez que ambos são sons bilabiais. TR tenta apresentar várias “pistas”, como quando Itn diz *mecânico*, fazendo uma pausa ao dizer o fonema inicial, a expressão de TR se modifica, esta parece reconhecer que a similaridade sonora com o seu *intuito discursivo*.

Este dado ainda revela como TR se coloca de forma ativa neste jogo da linguagem, apesar de sua afasia severa de produção. O modo como enfrenta sua afasia, sua relação com a doença, como diria Sacks (1995). Quando percebe que não está sendo compreendida, muda sua produção, tenta os recursos não-verbais gestuais ou dar pistas fonêmicas, usar o gesto da escrita, etc, o que nos faz lembrar do conceito de processos *criativos* de significação, postulados por Fedosse (2008).

Finalmente, apenas para ilustrar outras possibilidades narrativas de TR e exemplificar porque acreditamos que sua produção esteja se desenvolvendo na direção de uma *fala telegráfica*, apresentamos o recorte de um dado apresentado na tese de Cazarotti-Pacheco (2012). Para contextualizar a produção, é necessário dizer que o grupo conversava sobre os cuidados que se deve ter para não cair no banheiro, pois um dos sujeitos do grupo havia caído naquela semana. O dado aconteceu em 11/10/2011.

Turno	Interlocutor	Enunciados
1	TN ²⁸	Oh, eu, Janaína, cadeira, um dois. Ah... água, obrigado.
2	Irn	Você usa cadeira, pra tomar banho?
3	TN	Ah:: um dois, um dois.

²⁸ Cazarotti-Pacheco (2012) utilizou a sigla TN para se referir ao sujeito TR desta dissertação.

Ao analisar este dado, Cazarotti-Pacheco (2012) faz referência às características linguísticas da produção de TR. Em seu enunciado, TR encadeia vários substantivos, com ausência de elementos de ligação e de verbos, características de uma fala telegráfica, além das chamadas *estereotípias*, como “um, dois”. Apesar de todos esses limites impostos pela afasia, a autora nos chama a atenção para como TR consegue produzir alguns dos elementos da narrativa: como os personagens envolvidos no relato (ela e sua filha), ou seja, o elemento de *orientação*; o local, pois ao dizer água, TR faz referência ao banho/banheiro, onde acontece a queda do outro sujeito. Também consegue relatar o evento em si e seu enunciado é compreendido, o que se dá quando Irn, diz: “*Você usa cadeira pra tomar banho?*”. O dado serve, portanto, para observarmos que há momentos em que as produções verbais de TR, enquanto não muito recorrentes, são suficientes para significar, em alguns contextos.

3.6. Considerações sobre as produções de TR

Primeiramente, é necessário fazermos alguma referência à personalidade e atitudes de TR, que muito nos ajudam a compreender sobre sua relação com a afasia e como enfrenta suas dificuldades. Desde o primeiro momento em que se apresentou no grupo, TR busca se comunicar com todos. Dificilmente vemos sua desistência, no processo de significação. Ao contrário, recorre a todos os recursos possíveis, com muita criatividade, para ser compreendida – usando a escrita, ao apontar para pessoas e objetos, ao fazer gestos simbólicos, como o *sinal da cruz* ou gestos icônicos para representar objetos e ações (comer, imitar o apito de um trem).

Outro aspecto muito relevante ao pensarmos sobre o caso de TR é o tempo que se passou desde o acometimento neurológico – praticamente quinze anos – e quanto isso influenciou (negativamente) o desenvolvimento de sua linguagem. Mesmo assim, o acompanhamento longitudinal permitiu observar que TR está em processo de desenvolvimento de novos recursos não-verbais, mas também verbais, deixando de apresentar uma fala constituída, em sua maioria, de “estereotípias”, como eram seus enunciados mais iniciais, para desenvolver uma fala que podemos considerar *telegráfica*.

Após termos apresentado dados de GS e TR, passamos às considerações finais deste trabalho, refletindo sobre as implicações da abordagem enunciativo-discursiva das afasias no acompanhamento clínico de sujeitos afásicos.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

REFLEXÕES A PARTIR DA PESQUISA PARA O TRABALHO NA CLÍNICA FONOAUDIOLÓGICA

Esta pesquisa, ao discutir as possibilidades narrativas de sujeitos com afasias severas de produção, predominantemente por meio de recursos não-verbais, com destaque para a atividade gestual e para o desenho, busca salientar a relevância dessas estratégias para que os sujeitos se aproximem de seu *querer-dizer*.

Como foi dito no início do trabalho, tais processos precisam ser desenvolvidos ao longo do processo terapêutico, embora a gestualidade seja uma característica também da linguagem de sujeitos não-afásicos. O estatuto dos gestos na afasia (e também dos outros recursos), entretanto, é outro. Ele passa a assumir um lugar central no processo de significação; ele traduz o signo verbal. Nem sempre o sujeito conseguirá, com o uso de gestos, expressões fisionômicas ou com o auxílio do desenho, dizer *tudo o que quer* – alcançar o todo do enunciado (cf. Bakhtin). Em outras palavras, chegar à sua *conclusibilidade*. Afinal, a afasia é o lugar do *pathos verbal*. Há perdas. Há limites. Mas também, como aponta Coudry (1986/1988), há linguagem. E é da linguagem que resta que devem emergir outras linguagens, outras possibilidades de significação.

Esperamos que os dados aqui apresentados, bem como suas análises, possam dar visibilidade a esses processos e que possam iluminar o trabalho realizado na clínica fonoaudiológica com sujeitos com afasias severas de produção. Sobre as implicações para o acompanhamento terapêutico, Coudry afirma que:

é possível teorizar e conduzir o processo terapêutico sob uma dinâmica heurística que produz conhecimento de processos de significação verbais e não-verbais. Instrui e produz um (re)conhecimento mútuo de dificuldades e soluções, encontradas na interlocução e dialogia: lugar em que se cruzam discursos e por onde circulam outros sistemas semióticos que partilham com a língua, a produção e a compreensão de sentidos. (2002, p. 111)

Em seu trabalho *Diário de Narciso: afasia e discurso*, Coudry (1986/1988), ao falar sobre a avaliação de linguagem de sujeitos afásicos, deixa claro a importância de se refletir sobre os mecanismos de significação que o afásico faz uso para se expressar/significar; as

alternativas das quais se utiliza para se organizar e estruturar suas significações, produzir e interpretar sentidos.

Para Coudry (2008), o que diferencia radicalmente os estudos propostos pela neurolinguística de orientação enunciativo-discursiva dos estudos tradicionais de afasia é uma percepção diferenciada dos fenômenos patológicos de linguagem, em que sempre podemos dizer de outra maneira o que (não) se disse. Nas palavras de Coudry:

[...] a linguagem se apresenta sempre incompleta em relação ao dito intencionado (Freud, 1901/1969) que se põe em palavras (envolvendo o corpo, gestos, percepções, associações, expressões faciais) no que é dito por um compreendido pelo outro. (2008, p. 3)

Não poderíamos terminar este trabalho sem falar de outros recursos que devem ser interpretados nos enunciados dos sujeitos e que estão presentes tanto nos enunciados verbais quanto durante a produção de enunciados não-verbais. Referimo-nos à presença, nas afasias, de uma quantidade recorrente de pausas, hesitações, repetições, dentre outros fenômenos. A esse respeito, Fedosse (2008, p. 46), em seu estudo sobre os recursos *criativos* de significação, fala de sua emergência e da necessidade de sua interpretação nos processos dialógicos. A autora vê a “interlocução como espaço interativo, ou seja, como lugar de troca entre falantes” e para ilustrar essa posição retoma a seguinte citação de Coudry:

[...] das condições dialógicas e das expressões produzidas nessas situações, tem-se que conhecer e interpretar o silêncio e as hesitações dos sujeitos afásicos. Essas pausas e hesitações [...] são sempre um índice importantíssimo para o investigador do momento em que se dá uma ruptura no prosseguimento da instância discursiva pela interferência de uma dificuldade específica que pode então ser identificada e compreendida. Nesses casos, o investigador precisa conhecer com precisão o peso do silêncio, das hesitações, das manifestações de desagrado, para decidir entre deixar o sujeito estar com sua dificuldade e elaborá-la epilinguisticamente, ou fornecer um prompting de apoio ao prosseguimento de fala, ou refazer a questão ou modificá-la para restabelecer o equilíbrio das condições dialógicas, ou até completar a fala para reduzir as tensões dessas situações. Para tudo isso o investigador deve apurar sua sensibilidade e atenção, o que não se consegue sem um grande conhecimento mútuo e mesmo uma boa dose de comprometimento pessoal e afetividade. (COUDRY, 1986/1988, p. 78-79).

Um conceito apresentado acima merece maiores considerações, ao se pensar nas atividades que estão sendo realizadas pelos sujeitos, enquanto (re)organizam sua linguagem

– o conceito de atividades (ou processos) epilinguísticas. As operações epilinguísticas são reveladas quando analisamos microgeneticamente os enunciados, buscando indícios dos processos subjacentes. Coudry & Morato (1988) citam, a esse respeito, “as hesitações, os momentos de auto-correções e de reelaborações, as rasuras, as pausas longas, as repetições, as antecipações e os lapsos”, que emergem da/na interlocução. Segundo Zaniboni (2007), muitas vezes esses fenômenos aparecem descritos como “erros”, principalmente nos ambientes clínicos e escolares, quando deveriam de fato ser concebidos como processos constitutivos da produção da linguagem, cuja natureza é indeterminada e incompleta.

Voltando à questão da clínica, Fedosse afirma que o acompanhamento terapêutico de sujeitos afásicos deve pautar-se por

atividades orientadas pelos princípios da organização e do funcionamento (criativo) da linguagem verbal [...] Note-se que tal modo de conceber os processos alternativos/criativos de significação implica uma mudança significativa na forma de avaliar e de acompanhar terapêuticamente sujeitos afásicos, qual seja: no processo de reabilitação desses sujeitos interessa o trabalho linguístico-cognitivo/psíquico realizado por eles, fato que, a propósito, indica a afasia apresentada. Portanto, a emergência e a interpretação dos processos alternativos/criativos de significação são conteúdos da avaliação e da terapia de sujeitos afásicos. Assumir tal conceito implica uma mudança de paradigma no entendimento das afasias e da atenção terapêutica aos sujeitos afásicos; a adoção desse conceito amplia a potencialidade da (re)construção dos objetos linguísticos abalados pela lesão cerebral, à medida que incorpora as outras formas de produção e interpretação de sentidos (2008, p.70-71).

Infelizmente, segundo Fedosse (2008, p. 22), são raros os profissionais da Fonoaudiologia “*que assumem a linguagem como atividade constitutiva que sustenta e que é sustentada na interação social*”.

Ao refletir sobre a opção pelos estudos longitudinais e demais pressupostos da abordagem enunciativo-discursiva e suas consequências para a prática clínica com sujeitos afásicos, Canoas-Andrade (2009) conclui que:

É interessante notar como o estudo longitudinal, por meio dos princípios metodológicos da ND [Neurolinguística Discursiva], permite que o fonoaudiólogo se veja como interlocutor e repense suas práticas. É preciso desvencilhar-se da ideia de que o fonoaudiólogo/interlocutor necessita assumir uma atitude corretiva porque detém um saber sobre a linguagem. É importante ressaltar que não se trata apenas de “conversar” com o sujeito afásico, pois, neste tipo de abordagem, não basta que o fonoaudiólogo/interlocutor reconheça e aponte as alterações do discurso do afásico (2009, p. 133).

A partir de tudo o que foi colocado até aqui, buscamos pontuar algumas das questões levantadas, contrapondo nossas reflexões aos objetivos apresentados na introdução desta dissertação.

O primeiro objetivo era o de poder, com os dados selecionados e análises propostas, dar visibilidade ao fenômeno que caracteriza as produções nas afasias severas – as estereotípias²⁹. Vimos que o caso de GS, nesse sentido, é mais grave que o caso de TR. Enquanto esta se utiliza também de recursos verbais – é capaz de nomear pessoas e alguns objetos, apresenta algumas expressões verbais cristalizadas (um/dois, arroz/feijão), GS tem seus enunciados reduzidos a /o'da/, apesar da presença de rica prosódia. Buscamos, nas análises, mostrar que essas produções são *enunciados*, pois preenchem turnos conversacionais e podem ser compreendidos/interpretados por outros sujeitos.

O segundo objetivo³⁰ era o de procurar compreender as possibilidades e limites na significação, no contexto de um dos gêneros mais preservados nas afasias, mas ainda assim bastante impactado em casos graves como os de GS e TR – as narrativas. Vimos que a subjetividade dos sujeitos é manifestada já quando eles elegem um tema para narrar, conceito nomeado por Labov como *reportabilidade*. E vimos também os efeitos do trabalho desenvolvido com os sujeitos, longitudinalmente. GS, que se recusava inicialmente a interagir, passa a ser narrador, embora seu querer-dizer seja bastante limitado pela sua afasia. O desenvolvimento de recursos não-verbais, no contexto da produção narrativa, para ajudar o sujeito a alcançar o seu querer-dizer, foi essencial no processo. Ao contrário da clínica tradicional, que enfatiza processos exclusivamente verbais – e perde muito de seu

²⁹ Apenas para facilitar a retomada dos objetivos, copiamos aqui o primeiro deles, descrito na *introdução* da dissertação: “i) descrever as principais características dos enunciados de dois sujeitos com afasias de produção severas, que podem ser consideradas no grupo das afasias “não-fluentes” – GS e TR – com ênfase nos fenômenos conhecidos na literatura como “estereotípias” ou “automatismos”. Esses recursos se repetem na cadeia enunciativa, podendo ser lexicalizados ou não e preenchem turnos conversacionais nas interações dialógicas. Ora veiculam um *querer-dizer* do sujeito afásico, ora dão “acabamentos” aos enunciados dos seus interlocutores”.

³⁰ O segundo objetivo apontado, na introdução do trabalho, era o de “refletir sobre as possibilidades e os limites nos processos de significação, a partir do trabalho desenvolvido com os recursos não-verbais (gestos, desenho, expressões fisionômicas), tendo a narrativa como principal gênero discursivo (tanto autobiográficas quanto relatos de fatos). As narrativas se constituem como lugar privilegiado para a emergência de enunciados que se prestam tanto para dar visibilidade ao impacto da afasia – servindo, portanto, para a avaliação de linguagem – quanto para a sua reorganização – em outras palavras, para orientar a terapia de linguagem”

tempo fazendo isso em casos em que o sujeito não apresenta condições de voltar a *falar* – nosso trabalho prioriza os *processos* de significação e a eficácia na comunicação verbal, mesmo que prescindindo de recursos verbais e materializada apenas por recursos não-verbais.

Sobre o terceiro objetivo³¹, vimos ao longo do trabalho todo apontando para o papel crucial dos interlocutores no processo de construção da significação. Trata-se de uma perspectiva que busca dar vez e voz ao sujeito afásico, o que não é fácil e demanda muita sensibilidade e uma escuta atenta. Ao se depararem com sujeitos como os descritos nesta dissertação, os interlocutores se colocam à sua disposição, num esforço para dar *acabamento* aos seus enunciados e buscando ajudá-los na (re)organização da linguagem que lhes resta.

Para uma reflexão sobre o trabalho na clínica fonoaudiológica, é importante retomar a questão da narrativa como *método*. Para Spinillo (1996), a narrativa é caracterizada como uma atividade complexa, pois ao narrar o sujeito estaria colocando em ação aspectos de natureza social, cognitiva e linguística. No trabalho desenvolvido com os sujeitos desta pesquisa, foi possível notar como a narrativa proporcionou que a *subjetividade* destes emergisse e como, em cada episódio, o sujeito nos apresenta o que considera relevante, reportável e como consegue expressar o inédito por meio de suas narrativas. Na clínica fonoaudiológica, a narrativa se apresenta como metodologia muito produtiva para colocar os sujeitos afásicos novamente no jogo da linguagem.

Para finalizar a reflexão acerca da construção conjunta da significação e do papel do interlocutor nesse processo, consideramos relevante, ainda, trazer algumas questões colocadas por Ponzio (2010), acerca da *arte da escuta* e sobre o *ato ético e responsável de dar tempo ao outro*. A escuta atenta – ou arte de escutar – emerge como um dos mais importantes conceitos discutidos por Ponzio (2010) e diz respeito a escutar a fala do outro por meio de uma *compreensão responsiva*.

Chegar ao *querer-dizer* do afásico depende, em grande parte, do seu “parceiro da comunicação” (BAKHTIN, 1929/97), que deve fornecer *acabamentos* adequados aos enunciados, mesmo que estes sejam enunciados não-verbais. A *compreensão responsiva*

³¹ O terceiro objetivo destacado na introdução era justamente o de “discutir o papel dos interlocutores – os parceiros da comunicação (cf. Bakhtin, 1997), dentre os quais o terapeuta e familiares, no processo de desenvolvimento dos recursos alternativos não-verbais de significação”.

exige mais tempo, uma vez que não é apenas uma questão de decodificar o que o falante tem a dizer e a linguagem, nas afasias, se mostra ainda mais indeterminada.

Novaes-Pinto (2013a) nos chama a atenção para como essa perspectiva norteia o acompanhamento de sujeitos afásicos no CCA, na construção dos sentidos, nas interações dialógicas, entre os parceiros da comunicação.

Na clínica tradicional, tanto a avaliação dos sujeitos afásicos, como o acompanhamento terapêutico são baseados em uma concepção de linguagem como código e as tarefas propostas são formuladas de maneira descontextualizada, com o uso isolado de palavras e frases – como *células mortas* – essencialmente diferente de uma concepção que prioriza o enunciado, a *célula viva* da linguagem (PONZIO, 2010).

Encerramos este trabalho citando as palavras do autor em que ele destaca que o sentido da Revolução Bakhtiniana foi exatamente a mudança de foco – do eu para o outro, o que tem forte implicações para o trabalho na clínica fonoaudiológica.

(...) este é o ponto central da relação com a outra palavra: a posição de escuta, o colocar-se em escuta; e o colocar-se em escuta significa simplesmente isso: dar tempo ao outro, o outro de mim e o outro eu; dar tempo e dar-se tempo. Esse não é nem o produtivo tempo de trabalho, mercadoria, nem o relaxante tempo livre. É o tempo disponível, disponível para a alteridade, a alteridade de si mesmo em relação à própria identidade e a alteridade do outro em relação à sua identidade. (...) Escutar significa, ao invés, deixar tempo para o outro (PONZIO, 2010, p. 25-26).

Como fonoaudióloga, eu não poderia deixar de dar meu depoimento pessoal sobre a diferença que este tipo de trabalho – como o realizado no CCA – faz na vida de cada um dos sujeitos, para que volte a se inserir no *jogo da linguagem*. Um trabalho orientado por princípios éticos e caracterizado pela *escuta atenta*.

Assim, espera-se que esta dissertação possa subsidiar os estudos sobre as afasias severas de produção e também dar respaldo teórico-metodológico ao trabalho de acompanhamento dos sujeitos afásicos na clínica fonoaudiológica.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, C. C. M.; LACERDA, C. B. F. (2008). “Examinando o desenho infantil como recurso terapêutico para o desenvolvimento de linguagem de crianças surdas”. **In:** *Rev Soc Bras Fonoaudiol*;13(2):186-92.

BAKHTIN, M. (1929/1997). Os gêneros do discurso. **In:** *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes.

BARBIZET, J. & DUIZABO PH. (1985). *Manual de Neuropsicologia*. Trad. Silvia Levy e Ruth Rissin Josef, Porto Alegre, Ed. Artes Médicas Sul Ltda.

BENJAMIN, W. (1985/1994). *Magia e Técnica, Arte e Política : ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Editora Brasiliense.

BENVENISTE, E. (1988). *Problemas de linguística geral I*. Campinas: Pontes.

BRUNER, J. (1991). The narrative construction of reality. *Critical Inquiry*, n. 18, Chicago: The Universit of Chicago, p. 1-21, 1991. Disponível em: <http://semiootika.ee/syngiskool/tekstid/bruner.pdf>. Acesso em: 20/06/2013.

CANOAS-ANDRADE, R. (2009). *Questões neuropsicológicas e neurolinguísticas de uma afasia fluente e progressiva: inferências a partir de um estudo de caso para a clínica fonoaudiológica*. Dissertação de mestrado. Instituto de Estudos da Linguagem - UNICAMP.

CAZAROTTI-PACHECO, M. (2012). *O discurso narrativo nas afasias*. Dissertação de doutorado. Instituto de Estudos da Linguagem – UNICAMP.

CAZAROTTI-PACHECO, M.; NOVAES-PINTO, R. C. (2010). Aspectos discursivos da narrativa de um sujeito afásico fluente. **In:** *Estudos Linguísticos*, São Paulo, 39 (2): p. 568-577, mai.-ago.

COUDRY, M. I. .H. (1986/1988). *Diário de narciso - Discurso e afasia*. São Paulo: Martins Fontes.

COUDRY, M. I. H. (1996). “O que é o dado em Neurolinguística”. **In:** Maria Fausta Pereira de Castro. (Org.). *O método e o *dado* no estudo da linguagem*. 1ed. Campinas: Editora da Unicamp, v. , p. 179-194.

COUDRY, M. I. H. (2002). “Linguagem e afasia: uma abordagem discursiva da Neurolinguística”. **In:** *Cadernos de Estudos Linguísticos*. v. 42, Jan/jun.

COUDRY, M. I. H. (2008). “Neurolinguística Discursiva: Afasia como tradução”. **In:** *Estudos da Língua(gem)*, Vol. 6(2), p. 7-36.

COUDRY, M. I. H.; MORATO, E. (1988). “A ação reguladora da interlocução e de operações epilinguísticas sobre objetos linguísticos”. **In:** *Cadernos de Estudos Linguísticos*. n. 15; jul/dez.

COUDRY, M. I. H; POSSENTI, S. (1983). “Avaliar discursos patológicos”. **In:** *Cadernos de Estudos Linguísticos* v. 5, p.99-109.

FEDOSSE, E. (2000). *Da relação linguagem e praxia: estudo neurolinguístico de um caso de afasia*. Dissertação de mestrado. Instituto de Estudos da Linguagem – UNICAMP.

FEDOSSE, E. (2008). *Processos Alternativos de Significação de um poeta afásico*. Dissertação de doutorado. Instituto de Estudos da Linguagem – UNICAMP.

FLOSI, L. C. L. (2003). *A Relação Dinâmica da Linguagem Oral com a Escrita e Gestos na Afasia*. Dissertação de mestrado. Instituto de Estudos da Linguagem – UNICAMP.

FRANCHI, C. (1977). *Linguagem - Atividade Constitutiva*. **In:** *ALMANAQUE*, São Paulo: Brasiliense, n. 5, 1977.

GERALDI, J. W. (1990). *Portos de passagem*. São Paulo: Martins Fontes.

GÓES, M. C. R. (2000) A abordagem microgenética na matriz histórico-cultural: uma perspectiva para o estudo da constituição da subjetividade. **In:** *Cad. CEDES* vol.20, n.50.

HANKE, M. (2005). Narrativas orais: formas e funções. **In:** *Contracampo*, Niterói, v.9, p. 117-125.

ISHARA, C. (2008). *A-F-A-S-I-A: Um sujeito em cena*. Dissertação de Doutorado. Instituto de estudos da Linguagem – UNICAMP.

LABOV, W.; WALETZKY, J. (1967). Narrative analysis. **In:** HELM, J. (Ed.), *Essays on the Verbal and Visual Arts*. Seattle. p. 12-44.

LABOV, W. (1997). Some Further Steps in Narrative Analysis. **In:** *The Journal of Narrative and Life History*. Special issue , Lawrence Erlbaum Associates, v. 7, n.1-4.

MÁRMORA, C. H. C. (2000). *Linguagem, afasia, (a) praxia: uma perspectiva neurolinguística*. Dissertação de Mestrado. Instituto de estudos da Linguagem – UNICAMP.

NOVAES-PINTO, R. C. (1999). *A contribuição do estudo discursivo para uma análise crítica das categorias clínicas*. Dissertação de Doutorado. Instituto de estudos da Linguagem – UNICAMP.

NOVAES-PINTO, R. C. (2006). Uma reinterpretação do conceito de grau de severidade a partir de uma concepção enunciativo-discursiva de linguagem e dos relatos de sujeitos afásicos sobre suas dificuldades. **In:** *Estudos Linguísticos*, São Paulo, 35: p. 1730-1735.

NOVAES-PINTO, R. C.; SANTANA, A.P. (2009). A semiologia das afasias. **In:** MANCOPE, R.; SANTANA, A.P. (Orgs.). *Perspectivas na clínica das afasias: o sujeito e o discurso*. São Paulo, Ed. Santos, p.18-40.

NOVAES-PINTO, R. C. (2013a). A contribuição de conceitos bakhtinianos para a reflexão teórico-metodológica e para o trabalho clínico no campo das afasias”. **In:** *Rev. Polifonia*. (No prelo)

NOVAES-PINTO, R. C. (2013b) The aphasic utterance: a significal perspective. **In:** *Journal of Semiotics* (online), v. 2013, p.457-472, 2013.

PETRILLI, S; PONZIO, A. (2010) *Thomas Sebeok e os Signos da Vida*. Tradução: Pedro Guilherme Orzari Bombonato. Ed. Pedro & João.

PONZIO, A. (2010) *Procurando uma palavra outra*. São Carlos, SP, Brasil: Pedro & João Editores.

PORTER, R. (1993) Expressando sua enfermidade: a linguagem da doença na Inglaterra georgiana. **In:** BURKE, P.; PORTER, R. *Linguagem, indivíduo e sociedade: história social da linguagem*. São Paulo: Editora UNESP.

POSSENTI, S. (1988) *Discurso, estilo e subjetividade*, São Paulo: Martins Fontes. 1988.

SACKS, O. (1995) *Um antropólogo em Marte: sete histórias paradoxais*. Companhia das Letras. São Paulo, S.P.

SCARPA, E. M. (1995). Sobre o sujeito fluente. **In:** *Caderno de Estudos Linguísticos*, v. 29, jul-dez.

SCISCI, L. A. C. (2004). *Estudo da atribuição de sentido a processos de significação verbais e não-verbais de sujeitos afásicos*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Estudos da Linguagem – UNICAMP.

SPINILLO, A.G. (1996). O uso de coesivos por crianças com diferentes níveis de domínio de um esquema narrativo. **In:** DIAS, M. G.; SPINILLO, A. G. (Org.), *Tópicos em Psicologia Cognitiva*. Recife: UFPE, p. 84-119.

TAKIZAWA, T; ASANO, K; KINOSHITA, F. (2010). Recurring utterances (speech automatism) without aphasia: A single case study. **In:** *Aphasiology*, 24 (11): p. 1443-1454.

VIEIRA, L. F. (2007). *O Processo de Significação do Desenho Infantil*. Departamento de Metodologia de Ensino, Centro de Educação e Ciências Humanas.- UFSCAR.

VISCARDI, J. M. (2005) *O estatuto neurolinguístico do automatismo*. Dissertação de Mestrado. Instituto de Estudos da Linguagem – UNICAMP.

VISCARDI, J. M. (2010). Eu preciso falá: automático e voluntário na semiologia do automatismo. **In:** Edwiges Maria MORATO. (Org.). *A semiologia das afasias: perspectivas linguísticas*. São Paulo: Editora Cortez.

VYGOTSKY, L. (1988). *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem* / Lev Semenovich Vigotskii, Alexander Romanovich Luria, Alex N. Leontiev; Trad. Maria da Penha Villalobos. – São Paulo: Ícone: Editora da USP, p. 103-117.

VYGOTSKY, L. (1989) *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes.

VYGOTSKY, L. (1995). *Fundamentos de defectologia*. Obras completas, tomo 5. Havana: Pueblo y Educación.

VYGOTSKY, L. (2005). *Pensamento e linguagem*. 3a ed. São Paulo: Martins Fontes.

ZANIBONI, L. F. (2007). *A contribuição da neurolinguística discursiva para a fonoaudiologia na construção de um novo olhar sobre a linguagem de sujeitos cérebros-lesados*. Dissertação de Doutorado. Instituto de estudos da Linguagem – UNICAMP.

ZIA, J. (2006). *A relação entre o gesto e linguagem: refletindo sobre o fazer fonoaudiológico*. Dissertação de mestrado. Faculdade de ciências médicas – UNICAMP.

6. ANEXOS

6.1. Anexo 1 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Eu, _____, RG _____, dou meu consentimento livre e esclarecido para participar como voluntário(a) da pesquisa: **Possibilidades Narrativas de Sujeitos com Afasias Severas de Produção: O Papel dos Signos Não-Verbais para Alcançar o "Querer-Dizer"**, sob responsabilidade da pesquisadora Tainara Lemes Conde Nandin.

Receberei uma cópia deste termo. Fui esclarecido(a) e tenho ciência de que:

Esta pesquisa tem por objetivo e pretende analisar a produção de sujeitos com afasias não-fluentes, de grau severo, para descrever as características dos seus enunciados; compreender os limites e as possibilidades de significação dos recursos não-verbais, principalmente com relação a alguns gêneros discursivos – com ênfase nas narrativas autobiográficas e relatos de fatos - analisando a produção de gestos e de desenhos em situações dialógicas. Os limites muitas vezes são impostos pelo comprometimento motor – pela presença de hemiparesia, de apraxias relativas à produção simbólica do movimento e intermediadas pela linguagem. **iii)** discutir o papel do interlocutor – cf. Bakhtin o parceiro da comunicação - refletindo sobre o papel do terapeuta – no processo de desenvolvimento dos recursos alternativos não-verbais de significação.

Tenho a liberdade de *recusar* ou de *retirar o consentimento* em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma. A qualquer momento posso buscar, junto aos responsáveis do estudo, esclarecimentos de qualquer natureza, inclusive os relativos à metodologia de trabalho. As pesquisadoras garantem o sigilo que assegure a privacidade dos dados confidenciais envolvidos na pesquisa. A participação nesta pesquisa não oferece riscos nem desconfortos físicos ou morais aos sujeitos envolvidos no estudo nem a essa empresa. Finalmente, declaro ter ciência de que os resultados poderão ser utilizados para fins pedagógicos e científicos, incluindo-se apresentação do material coletado em atividades acadêmicas, publicações e eventos científicos de Fonoaudiologia e áreas afins nos limites da ética e do proceder científico íntegro e idôneo.

A pesquisadora poderá ser contatada pelo telefone (19) 92965512

Campinas, ___ de _____ de 2013.

Assinatura: _____